



LER E ESCREVER – PRIORIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL

PROJETO INTENSIVO NO CICLO I

MATERIAL DO PROFESSOR

VOLUME 2



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA
CÍRCULO DE LEITURA E ESCRITA

PROJETO INTENSIVO NO CICLO I

MATERIAL DO PROFESSOR

VOLUME 2

Material do aluno de Língua Portuguesa e Matemática
para a sala do PIC – 4º ano – Ciclo I



LER E ESCREVER – PRIORIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Gilberto Kassab

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Alexandre Alves Schneider

Secretário

DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

Iara Glória Areias Prado

**EQUIPE RESPONSÁVEL PELA
CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO**

Antonio José Lopes Bigode

Claudia Rosenberg Aratangy

Elenita Neli Beber

Eliane Minguês

Leika Watabe

Miriam Orensztajn

Maria das Graças Bezerra Landucci

Marília Costa Dias

Marta Durante

Regina Célia dos Santos Câmara

Roberta Leite Panico

Rosanea Maria Mazzini Correa

Sandra Murakami Medrano

Sonia Coelho

Suzete de Souza Borelli

Tânia Nardi de Pádua

CONSULTORIA PEDAGÓGICA

Antonio José Lopes Bigode

Miriam Orensztajn

Sandra Murakami Medrano

Agradecimentos ao **Santander Banespa**, que
viabilizou o projeto editorial desta publicação.

COORDENAÇÃO EDITORIAL E GRÁFICA

Trilha Produções Educacionais

REVISÃO DO PROJETO DE TEXTO

Ione Aparecida Cardoso Oliveira

Margareth Buzinaro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de
Orientação Técnica.

Projeto intensivo do Ciclo I : material do professor / Secretaria
Municipal de Educação. – São Paulo : SME / DOT, 2006.
80p.: il.

1. Educação 2. Alfabetização I. Título II. Programa Ler e
Escrever – Prioridade na Escola Municipal

CDD 372.414

Código da Memória Técnica: CO.DOTG/Pj.003/06

Secretaria Municipal de Educação
São Paulo, julho de 2006

Prioridade para a leitura e a escrita

Caros professores,

O **Programa Ler e Escrever – Prioridade na Escola Municipal** está em plena implantação. Os obstáculos não têm sido poucos, mas estamos atentos para melhorar cada vez mais as condições para alcançarmos nossa meta: conseguir que todos os alunos da Rede Municipal aprendam a ler e escrever e que desenvolvam também suas habilidades matemáticas.

Sabemos que a produção do material do Programa não é capaz, por si só, de solucionar as complexas questões envolvidas nesse processo de melhoria da qualidade do ensino. Por isso, estamos investindo também na formação dos coordenadores pedagógicos e na compra de materiais de apoio – livros e jornais. Buscamos consolidar o horário coletivo como um espaço permanente de produção de conhecimento e de formação de professores e, no segundo semestre, de formação dos professores envolvidos nos projetos **Toda Força ao 1º Ano (TOF)** e **Projeto Intensivo no Ciclo I (PIC)**.

Uma de nossas conquistas é o fato de o primeiro volume do PIC (*Livro do Aluno e Livro do Professor*) já estar presente em quase todas as escolas da Rede que optaram pelo Projeto, servindo de apoio para o professor em seu planejamento e na organização de boas situações didáticas, bem como no estudo nos horários coletivos.

Esperamos que este segundo volume possa atender às expectativas de todos os envolvidos nesse processo, trazendo respostas, provocando reflexões e indicando possíveis caminhos para os alunos alcançarem sucesso na aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática.

Mãos à obra!

Alexandre Alves Schneider
Secretário Municipal de Educação

Caro professor,

Este segundo volume, que tem a mesma estrutura do primeiro, foi planejado e organizado em três modalidades didáticas: **atividades habituais**, **projetos didáticos** e **seqüências de atividades**.

A leitura diária de literatura de qualidade para seus alunos será uma das **atividades habituais** que você repetirá ao longo do ano. Além de ampliar seu repertório literário, os alunos irão conhecer autores nacionais e estrangeiros, construir uma leitura fluente, compartilhar comportamentos típicos de leitores experientes e adentrar no mundo da leitura, para gostar de ler.

Outras atividades, similares às já realizadas na etapa anterior, são também consideradas **habituais**, porque se repetem na rotina, diária ou semanal:

Leitura e Escrita: os alunos serão convidados a ler e escrever, aprendendo sobre o sistema de escrita e seu funcionamento, meta que ainda não alcançaram.

Roda de Jornal: ao ganhar acesso a esse portador de textos, os alunos podem obter informações atualizadas e diversificadas.

Roda de Leitura: estimula os alunos a partilhar a leitura de livros do acervo da sala de leitura ou trazidos de casa, para que adquiram o hábito de ler, sintam prazer nisso e se tornem leitores autônomos.

Roda de Curiosidades: o acesso à leitura de textos de divulgação científica é fundamental para os alunos continuarem a aprender durante o processo de escolarização.

Para saber mais sobre essas modalidades didáticas, consulte o “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho”, Blocos 9 e 11.

Ainda fazem parte da rotina os projetos didáticos de leitura e escrita e as seqüências de atividades de leitura, com temas variados ao longo do ano.

No **volume 2 do Livro do Aluno** desenvolvemos o **projeto** “Contos de Assombração”, para que os alunos leiam e escrevam contos variados, ampliando seu repertório e se apropriando desse gênero textual. E há também a **seqüência de atividades** “Ler para saber mais sobre o corpo humano”.

Como professor, você sabe que o sucesso dos alunos depende de muitos fatores: organização das duplas de trabalho; sua atuação como modelo de leitor; sua avaliação sobre o que eles sabem sobre a escrita; e, ainda, todas suas intervenções didáticas.

Esperamos, mais uma vez, poder ajudar seus alunos a aprender a ler e escrever com autonomia e dominar essas práticas. Além disso, queremos contribuir para sua formação continuada, proporcionando-lhe condições mais adequadas para ensinar aos alunos da sala de PIC.

Bom trabalho!

Equipe responsável pela concepção e elaboração do material

Parte I – Orientações gerais para o uso do material



Aqui há alguns textos direcionados aos alunos, embora nem todos eles já estejam aptos a ler de forma autônoma. Por isso, sugerimos que você faça a leitura em voz alta para a classe. Mas é importante que, enquanto ouvem, todos acompanhem o texto escrito – mesmo os que ainda não são leitores autônomos. Para facilitar, lembre-se de localizar e mostrar a eles a página que será lida.

E não se esqueça de preparar previamente sua própria leitura: antes da aula, leia o texto para conhecer seu conteúdo, planejar as pausas e poder, assim, realizar uma leitura fluente e agradável aos ouvintes.

SABER O QUE OS ALUNOS SABEM SOBRE O SISTEMA DE ESCRITA

As atividades que os alunos realizam individualmente, bem como as respostas que dão às questões que você levanta, ajudam você a acompanhar a aprendizagem deles em relação ao sistema de escrita – que precisa ser permanente, não se resumindo apenas a alguns meses do ano. Por isso, é indispensável planejar as atividades de escrita e garantir a presença de algumas condições didáticas.

Refleta sobre as situações de produção que podem ser planejadas ou selecionadas para acompanhar o desempenho de seus alunos.

À medida que você for desenvolvendo as propostas apresentadas aqui, seus alunos poderão participar de várias atividades de escrita. Porém é fundamental que você organize uma avaliação processual para identificar o que eles já sabem sobre a escrita.

Como atividade para saber o que seus alunos sabem sobre o sistema de escrita, faça por exemplo o ditado de uma lista de ingredientes utilizados para preparar uma pizza:

Para saber mais sobre sua leitura, consulte o *Livro do Professor*, PIC, vol. 1, pág. 9.

Para saber mais sobre o que os alunos sabem sobre a escrita, consulte o “Guia de Planejamento do Professor”, do Projeto Toda Força ao 1º. Ano.

MUSSARELA

ORÉGANO

PRESUNTO

TOMATE

MILHO

ALHO

Essa atividade de escrita envolve, em um primeiro momento, a produção pelos alunos de uma lista de palavras conhecidas, mas não memorizadas. Após a escrita da lista, você pode pedir para elaborarem uma frase em que uma das palavras da lista se repita. É indispensável que, em seguida, o próprio aluno leia sua produção. Assim você observa se ele consegue de fato estabelecer relações entre aquilo que escreve e aquilo que lê em voz alta, ou seja, entre a fala e a escrita.

Toda essa avaliação deve ser registrada na pasta e/ou no caderno organizado para acompanhar o percurso de alunos e seus avanços.

SABER O QUE OS ALUNOS SABEM SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA

.....

Saber o que os alunos sabem sobre a linguagem escrita não é uma tarefa simples. Em primeiro lugar, é preciso saber qual é o gênero que se pretende avaliar.

A esta altura do ano, seria interessante propor uma situação de reescrita de contos tradicionais, gênero com o qual os alunos têm mais familiaridade nessa fase e que continuaremos a trabalhar no projeto “Contos de Assombração”, para que eles se apropriem ainda mais da linguagem característica desses textos.

Para avaliar o que seus alunos sabem sobre a linguagem escrita, você pode propor-lhes uma reescrita. Sugira, por exemplo, que reescrevam um conto do qual gostem muito – nem precisa ser um dos lidos neste ano, podem optar por qualquer conto que conheçam e gostem.

Peça-lhes que procurem se lembrar bem de todos os detalhes da história e empenhar-se em escrever da melhor forma possível, para que todos fiquem conhecendo o conto predileto de cada um.

Combine com algum professor de outra sala um intercâmbio no qual você irá selecionar textos produzidos por seus alunos para serem lidos por ele para

Para saber mais sobre avaliação, consulte o “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho”.

seus próprios alunos. Ao apresentar a proposta a seus alunos, explique que os textos mais bonitos e mais bem escritos serão compartilhados com a outra classe, ressaltando a importância de capricharem muito tanto no relato quanto na letra, para que todos possam entender bem sua história. Leia as produções de todos e escolha alguns dos contos para compartilhar a leitura com seus alunos; em conjunto com eles, selecione um ou mais textos que considerarem adequados para entregar ao professor da outra classe.

Abaixo, apresentamos uma sugestão de títulos que podem ser reescritos.

Lista dos contos

- 1. Chapeuzinho Vermelho**
- 2. O Lobo Mau e os três porquinhos**
- 3. Branca de Neve e os sete anões**
- 4. A Bela Adormecida**
- 5. João e Maria**
- 6. Cinderela (ou A Gata Borralheira)**
- 7. Rapunzel**
- 8. João e o pé de feijão**
- 9. Patinho feio**
- 10. A roupa nova do rei**
- 11. O soldadinho de chumbo**
- 12. A sereiazinha**

O objetivo, nessa situação de escrita, é avaliar a capacidade das crianças de produzirem um texto em linguagem escrita. Para isso, é preciso organizar os critérios, considerando a presença das idéias principais da história e a utilização dos recursos coesivos da linguagem escrita, os recursos usados para estabelecer relações textuais, conectar, encadear, enfim, para dar coesão ao texto. A variedade e a adequação no uso dos recursos coesivos são indicadores da capacidade de produzir narrativas escritas.

Para avaliar os textos produzidos por seus alunos, faça a leitura tendo por critério os seguintes aspectos:

- 1.** O aluno produziu seu texto com características de linguagem escrita e levou em conta a trama principal e a organização temporal do enredo, procurando também utilizar recursos coesivos – como, por exemplo, na escrita deste trecho do conto Rapunzel:

“O príncipe andou durante alguns anos até que foi parar na região deserta onde Rapunzel vivia miseravelmente. Ele ouviu uma voz e dirigiu-se para

lá, e quando se aproximou, Rapunzel reconheceu-o, caiu nos seus braços e chorou. Duas lágrimas molharam os olhos do príncipe e ele voltou a ver como antes.

Ele levou-a para o seu reino, onde foram recebidos com alegria. Casaram-se e viveram felizes para sempre.”

2. A produção apresenta as idéias principais sob a forma de texto com alguns recursos coesivos da linguagem escrita, ou seja, ao escrever, o aluno levou em conta a trama principal e a organização temporal do enredo, utilizando **alguns** recursos coesivos. Por exemplo:

*“O príncipe andou anos até encontrar Rapunzel. **Ele** ouviu a sua voz e dirigiu-se até ela. **Rapunzel** viu que era o príncipe e caiu nos seus braços e chorou. **Duas lágrimas** molharam os olhos dele e ele voltou a enxergar como antes.*

***Então**, o príncipe levou Rapunzel para o seu reino. Casaram-se e viveram felizes para sempre.”*

3. A produção escrita do aluno apresenta as idéias principais sob a forma de frases soltas; por exemplo:

“O príncipe casou-se com Rapunzel.

Eles viveram felizes para sempre.”

4. O aluno dita as principais idéias do texto, mas não escreve com autonomia porque não é alfabético.

Importante: apresentamos aqui uma sugestão de critérios que você pode utilizar como indicadores de avaliação das aprendizagens. Porém, você precisa considerar quais condições de produção ofereceu de fato para seus alunos aprenderem – ou seja, não pode pretender avaliar o que eles não tiveram oportunidade de aprender.

Procure fazer uma análise geral da classe, observando a diversidade e os ritmos de aprendizagem individuais. Para isso, você pode se valer também dos registros dos avanços de cada aluno ao longo do ano, considerando seus pontos de partida e o quanto aprenderam durante o caminho percorrido.

O fundamental é ter clareza do que está por trás de cada uma das propostas.

AUTO-AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PROFESSOR SOBRE A POSTURA DE ESTUDANTE

Assumir a postura de estudante é determinante para os alunos terem um bom desempenho; por isso, sugerimos que você sempre converse com eles a respeito disso, explicitando, na medida do possível, quando essa postura pode atrapalhar ou ajudar a aprendizagem.

Para saber mais

sobre avaliação de textos dos alunos, consulte o Bloco 2 do “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho”.

É importante avaliar a postura de estudante em todos os momentos, pois ajuda tanto o professor quanto o aluno a regular o processo de aprendizagem. Estar atento a essa condição torna possível desenvolver maior consciência sobre a postura de estudante e estabelecer metas para aprimorar os aspectos necessários.

Tal como foi feito no Volume 1, propomos que você realize novamente uma avaliação dos alunos quando chegar ao final. Mas procure avaliar cada aluno em seu próprio processo de desenvolvimento, sem se restringir a seu desempenho dentro do grupo. Verifique e valorize mesmo os pequenos – mas muitas vezes fundamentais – avanços de cada um.

Uma avaliação positiva pode gerar novos investimentos por parte do aluno para que ele continue avançando – talvez em ritmo ainda mais rápido.

Ainda manteremos uma avaliação em itens a serem assinalados com o acréscimo de algumas linhas para comentários gerais. E não se esqueça de reservar um período para avaliar todos os alunos e compartilhar sua avaliação com a auto-avaliação de cada um.



REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE EM DUPLAS

Para saber mais sobre a realização da atividade em duplas, releia as orientações do *Livro do Professor*, PIC, vol. 1, pág. 12.

LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS EM VOZ ALTA PELO PROFESSOR – PARA GOSTAR DE LER

A leitura que o professor faz e a aprendizagem das práticas de leitura e do comportamento leitor

Até aqui, você já leu muitos textos literários para seus alunos e incorporou essa situação didática ao cotidiano. É importante que compreenda cada vez melhor o conteúdo que está ensinando, entendendo por que é importante e como deve ser ensinado.

O que os alunos aprendem quando o professor lê textos literários para eles?

Na situação didática em que você lê para seus alunos, o sistema alfabético não é uma preocupação. Talvez por isso, por acreditar que o aluno só está lendo quando se ocupa das letras, muitos professores resistem a incorporar essa atividade a seu cotidiano. Sem dúvida alguma, são importantes as atividades de leitura em que os alunos precisam refletir sobre o sistema de escrita e as

outras marcas visíveis – mas nessa leitura você não está desenvolvendo uma atividade desse tipo.

Um equívoco comum consiste em pensar que, quando os professores lêem, os alunos aprendem apenas o que ouvem, ou seja, a história, as informações que estão sendo lidas. Entretanto, a aprendizagem dos alunos é muito mais ampla e significativa. Ao ouvir o professor ler, eles podem aprender as formas como as pessoas utilizam a leitura para deleite, testemunhar comportamentos de leitor e compartilhar práticas sociais de leitura.

Tradicionalmente, a escola ignora tais práticas, centrando todo seu tempo de ensino no sistema de escrita, talvez por acreditar que os comportamentos de leitor se desenvolverão espontaneamente, depois que o aluno souber decifrar. Mas não é o que acontece. Segundo alguns estudiosos, como Emilia Ferreiro e Jean Hébrard, os alunos que têm oportunidade de participar de práticas de leitura em contextos extra-escolares – ou seja, em famílias que utilizam a leitura em seu dia-a-dia – são aqueles que desenvolvem comportamento leitor. E, como já vem sendo sempre repetido, os filhos de pais analfabetos ou de analfabetos funcionais¹ dificilmente serão participantes da cultura escrita. Segundo Delia Lerner:

Todos esses conteúdos são fundamentais para que os alunos possam ser participantes da cultura do escrito. E não é necessário esperar que compreendam o código para que possam compartilhar de atos de leitura junto com o professor e com outros leitores experientes. Ao tornar as práticas de leitura um dos eixos do trabalho com a língua, a escola toma para si a responsabilidade de inserir os alunos na comunidade de leitores. Assim, democratiza o acesso à cultura do escrito permitindo que todos, e não apenas aqueles que vêm de grupos sociais privilegiados, possam usar a leitura para resolver diferentes tipos de problemas, para posicionar-se criticamente frente aos textos e para desfrutar dos textos que a literatura oferece.²

CAIXA DE LIVROS DO PIC

Os livros foram cuidadosamente escolhidos para que você e seus alunos possam desfrutar de diferentes tramas e de uma diversidade de autores. A idéia é manter um acervo de livros na própria sala de aula ao qual você pode recorrer nos momentos de “Leitura feita pelo professor de livros de literatura” e em outras situações.

1 Pessoas que passaram pela escola e se alfabetizaram, no sentido estrito da palavra, sabem assinar o nome e pegar um ônibus, mas não são usuárias da escrita. Não conseguem ler jornais, preencher formulários simples, escrever cartas etc.

2 Lerner, Delia – *Ler na escola: o real, o possível e o necessário*. Artmed, Porto Alegre, 2002.

Para saber mais

sobre leitura em voz alta para os alunos, leia o Bloco 3 do “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho” e o *Livro do Professor – PIC*, vol. 1, pág. 13.

Use e abuse e deixe que seus alunos usem e abusem:

- Deixe a caixa em um lugar acessível, de modo que os alunos possam retirar algum livro nos intervalos entre atividades.
- Na Roda de Biblioteca, prevista na rotina para os próprios alunos lerem, deixe que cada um escolha seu livro e leia-o silenciosamente. Depois, você pode pedir a alguns alunos para comentarem o que leram. O fato de ser um número limitado de volumes permite que muitos alunos leiam o mesmo livro e possam, assim, trocar impressões entre si.
- No volume 2 do *Livro do Aluno* há modelos de sinopses. Sugerimos que você proponha a seus alunos a elaboração de sinopses dos livros da caixa. Assim, todos podem saber algo sobre o livro, facilitando suas escolhas literárias.
- Permita que levem os livros para casa, mas organize fichas de empréstimo ou um caderno de registro das retiradas.
- Converse com seus alunos sobre os cuidados que devem ter com livros de uso coletivo: não dobrar as páginas, não rabiscar, não rasgar etc. Espera-se que até o final do ano os livros estejam bem gastos por terem passado por muitas mãos (e olhos), mas não necessariamente estragados.

Aproveitem!

Caixa de Livros

EDITORA BIRUTA

A caatinga, Rubens Matuck

Anúncios amorosos dos bichos, Almir Correia

Mistérios da Pindorama, Marion Villas Boas

Guia do viajante, Rubens Matuck

Diário de viagem, Rubens Matuck

EDITORA ÁTICA

Festa de crianças, Luis Fernando Verissimo

Meu livro de folclore, Ricardo Azevedo

Contos de enganar a morte, Ricardo Azevedo

Drácula, Bram Stoker (Adaptação de Lue Lefort)

O segredo da chuva, Daniel Munduruku

Murucututu – a coruja grande da noite, Marcos Bagno

Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda (Adaptação de Márcia Williams)

Mitos gregos – o voo de Ícaro e outras lendas (Adaptação de Márcia Williams)

Para gostar de ler (vol. 1, *Crônicas*), Fernando Sabino; Carlos Drummond de Andrade

Para gostar de ler (vol. 6, *Poesias*), José Paulo Paes; Vinicius de Moraes; Mario Quintana

EDITORA SANTA MARIA

O chamado de Sosu, Meshack Asare

As panquecas de Mama Panya, Mary e Rich Chamberlin

Contos da montanha, Lúcia Hiratsuka

CIA. DAS LETRINHAS

Não existe dor gostosa, Ricardo Azevedo

A história dos escravos, Isabel Lustosa

Monstromatica, Jon Scieszka; Lane Smith

Aladim, Rosalind Kerven (Tradução de Hildegard Feist)

Odisséia (Adaptação de Adrian Mitchell)

EDITORA SCIPIONE

Frankenstein, Mary Shelley (Adaptação de Laura Bacellar)

Os doze trabalhos de Hércules (Adaptação de Leonardo Chianca)

Parte II – Atividades e orientações de Língua Portuguesa

Aqui começam as orientações para você desenvolver as atividades de Língua Portuguesa com seus alunos. Para facilitar seu trabalho, reproduzimos em forma reduzida a atividade publicada no livro do aluno, identificando o número da página em que aparece. Mas organizamos o material de um modo diferente daquele apresentado no volume 1 do *Livro do Professor*. Em vez de acompanharem a seqüência do *Livro do Aluno*, as atividades e orientações estão organizadas em três blocos:

Atividades habituais para aprendizagem do sistema de escrita e da linguagem que se escreve.

Projeto didático: “Contos de Assombração”.

Seqüência de atividades de leitura – “Para saber mais sobre nosso corpo”.

■ Atividades habituais

É provável que, nessa época do ano, muitos de seus alunos já mostrem avanços em relação a seus conhecimentos sobre a língua escrita, embora possam estar em fases bem variadas. Levamos isso em conta ao planejar as atividades de Língua Portuguesa: como sua intervenção durante as atividades é fundamental para promover as aprendizagens, apresentamos aqui orientações diversificadas para contemplar a heterogeneidade do grupo em relação à apropriação da língua escrita.

As atividades de Língua Portuguesa estão organizadas da seguinte forma:

- * Para gostar de ler (leitura diária de texto literário pelo professor)
- * Atividades diversas de leitura e escrita
- * Roda de Jornal
- * Roda de Curiosidades
- * Roda de Leitura
- * Diário

PARA GOSTAR DE LER...



Lembre-se de que você precisa escolher muito bem o livro que irá ler em etapas, dando continuidade de um dia para o outro, de maneira a manter o interesse dos alunos.

Em geral, os livros mais extensos já são divididos em capítulos, que podem servir como balizadores das interrupções. No entanto, se os capítulos forem muito longos, ou muito curtos, a tarefa de definir as divisões será sua.

Sugerimos que adote a estratégia utilizada nas telenovelas: escolha como ponto de interrupção uma situação de suspense, que deixe seu público curioso para saber o que vai acontecer, com vontade de “quero mais”. É um bom jeito de fazer os alunos esperarem a próxima leitura com curiosidade e interesse.

No dia seguinte, antes de iniciar a leitura, procure fazer uma breve retrospectiva do que já aconteceu, pedindo a ajuda dos alunos para recapitular os acontecimentos, incentivando-os a comentar o que acharam mais interessante e discutir as possíveis seqüências da história. É bem provável que você consiga com isso manter a atenção de todos durante a leitura.

Mas tudo isso requer que você tenha lido todo o livro com antecedência e planejado as paradas, as perguntas a fazer, a maneira de conduzir a leitura para manter o suspense e o interesse.

PIADAS

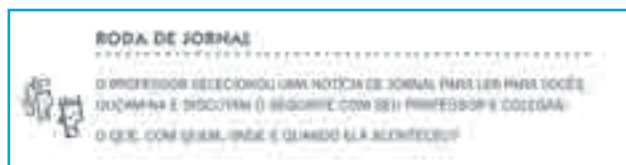


Organize os alunos em pequenos grupos, procurando garantir pelo menos um aluno que tenha domínio da leitura em cada grupo, para que todos possam compreender as piadas e se divertir com elas. Deixe-os tentar entender as pia-

das sozinhas. Converse com os grupos em seguida, para ver o que conseguiram entender e quais dificuldades encontraram. Depois disso, faça a leitura para todos, em voz alta.

PÁGINA 10

RODA DE JORNAL



Lembre-se de que a Roda de Jornal tem por objetivos familiarizar os alunos com um portador de texto que traz informações diversificadas – bem conhecido principalmente pelas pessoas que vivem em zonas urbanas – e, além disso, aproximá-los dos comportamentos típicos de um leitor de jornal, para que também se tornem leitores desse tipo de publicação.

Cuide para que esses momentos não sejam encarados pelos alunos como uma atividade meramente escolar. É importante que eles aproveitem de fato a situação para se atualizar, saber a opinião de outros, saber mais sobre o país, sobre os esportes, sobre outros locais, enfim, saber o que acontece aqui e agora no mundo e compreender que podem descobrir tudo isso na leitura dos jornais.

PÁGINA 10

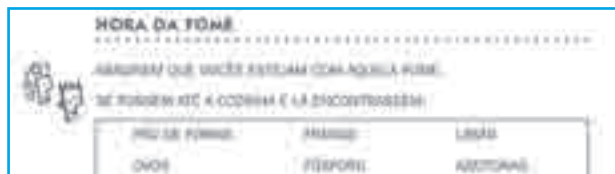
DIÁRIO DO ALUNO



Incentive seus alunos a escrever em seus diários. Se puder, mostre-lhes na aula de informática alguns blogs, que são diários eletrônicos. Se o uso do diário como registro pessoal ainda não tiver se transformado em atividade significativa para alguns de seus alunos, talvez os blogs sejam uma boa alternativa. Não se esqueça de que o mais importante nessa atividade é encontrarem sentido na escrita do diário e se apropriarem de mais uma prática da cultura escrita. Um bom caminho para introduzi-los nesse universo pode ser também a leitura de livros escritos como se fossem diários.

O mais importante é evitar que esse momento se converta, de forma burocrática, em uma obrigação de produzir diários.

HORA DA FOME



Prepare essa atividade selecionando algumas receitas culinárias para conversar com seus alunos a respeito desse gênero de texto. Chame a atenção para certos aspectos característicos, como a diagramação e a linguagem. Observe as similaridades com os textos de regras de jogos, orientando a comparação entre ambos. Por exemplo: as receitas começam com uma lista dos ingredientes e as regras de jogos podem ser iniciadas com o número de jogadores, a idade recomendada ou outro aspecto típico de um jogo.

Para que os alunos possam enfrentar de fato desafios, é importante que os membros de cada dupla tenham conhecimentos próximos sobre a língua escrita.

Deixe cada dupla realizar a leitura da lista e escolher o que usaria para fazer um sanduíche. Somente proponha a escrita do modo de fazer depois que todos tiverem identificado seus ingredientes e materiais. Quando terminarem, proponha que uma dupla discuta com a outra a forma como escreveram.

ANIMAIS MARÍTIMOS



Mesmo os alunos que não lêem convencionalmente podem inferir o que está escrito, a partir de outras palavras que já estabilizaram. Além disso, sabem que devem identificar apenas animais que vivem no mar.

Essa é uma atividade de leitura para se pensar sobre o sistema de escrita, e por isso é preciso agrupar os alunos em duplas com hipóteses próximas. Junto os que têm hipóteses de escrita silábica com valor sonoro com outros cujas hipóteses sejam de escrita silábica sem valor sonoro ou pré-silábicas, para que possam ler sem saber ler.

Por ser uma atividade de leitura para pensarem sobre o sistema de escrita, o professor não pode ler para os alunos os nomes dos animais, pois o desafio está justamente em colocá-los em situação de leitura, precisando selecionar determinados elementos do texto escrito para atribuir significado.

Antes de desenvolverem a atividade, converse com seus alunos a respeito dos animais que vivem no mar – evidentemente, sem escrever os nomes na lousa, nem ler os que estão no livro. Assim, eles terão mais pistas para identificar os nomes escritos.

Os alunos alfabéticos e silábico-alfabéticos podem ler sozinhos e realizar a atividade com autonomia. Talvez precisem de pequena ajuda com algumas palavras, mas a atividade está organizada de uma forma que não traz desafios para que pensem sobre o sistema de escrita. Para esse grupo, uma variação possível seria transformar a atividade de leitura em atividade de escrita: distribua fichas com as letras que compõem todas essas palavras e os alunos terão como desafio montar as palavras utilizando todas as letras disponíveis, sem deixar sobrar nenhuma e sem olhar a escrita correta no livro.

PÁGINA 22

RODA DE LEITURA

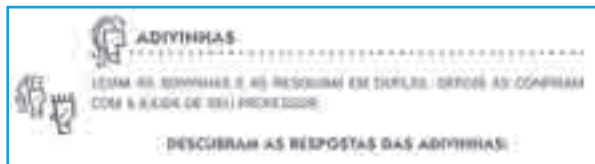


O principal objetivo da Roda de Leitura consiste em criar situações para que os alunos se sintam à vontade para selecionar os livros de seu interesse, lê-los e comentá-los com os colegas.

Os momentos para os alunos falarem sobre suas leituras precisam ser semelhantes às situações vividas por leitores autônomos em seu cotidiano. Quando você lê um livro, por exemplo, gosta de falar sobre ele com amigos e familiares – dizer se gostou ou não, por que motivo, quais trechos lhe causaram mais impacto ou lhe pareceram intrigantes, enfim, dá suas opiniões e com isso contribui para que as outras pessoas queiram ou não ler o livro.

A Roda de Leitura abre espaço para que seus alunos, leitores principiantes, comecem a formar seu repertório, seu estilo e sua seleção crítica. Por isso, crie situações atraentes para que eles se sintam à vontade e com vontade de socializar suas leituras.

ADIVINHAS



Talvez alguns alunos já consigam ler sozinhos, dependendo de sua ajuda apenas para encontrar a resposta que irão escrever. Para estes, entregue a quantidade exata de letras das respostas, deixando-os trabalhar com as questões relacionadas à ortografia. A quantidade exata de letras sugere justamente a necessidade de escrever sem sobragem ou faltarem letras.

Para os que não conseguem ler sozinhos, você precisará ler em voz alta. Para eles, trata-se de uma atividade de leitura para pensar sobre o sistema de escrita. Por isso, procure agrupá-los em duplas seguindo alguns critérios: os alunos com hipóteses de escrita silábica com valor sonoro devem ficar com colegas que tenham hipóteses de escrita silábica sem valor sonoro ou com hipóteses pré-silábicas, para que possam ler sem saber ler.

Experimente organizar um banco de palavras para os alunos localizarem a resposta correta, ou seja, lerem sem saber ler.

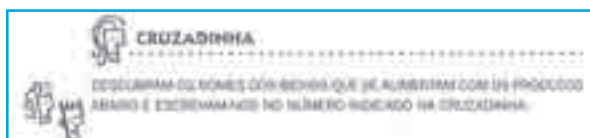
1	2	3	4	5
BENGALA	BURACO	TAPETE	CABEÇA DE CEBOLA	CAIXA DE FRUTAS
TELHADO	BARATA	TIJOLO	CABEÇA DE ALHO	CAIXA DE PRESENTE
BARALHO	BELEZA	TOALHA	CABEÇA DE PREGO	CAIXA DE FÓSFOROS

Para os alunos não-alfabéticos, essa é uma atividade de leitura para pensarem sobre o sistema de escrita. Por isso, você não pode ler para eles as respostas, pois o desafio está justamente em colocar em situação de leitura esses alunos que não sabem ler. Eles precisam selecionar determinados elementos do texto escrito para atribuir-lhes significado.

Respostas das adivinhas

1. Baralho – 2. Buraco – 3. Toalha – 4. Cabeça de alho – 5. Caixa de fósforos

CRUZADINHA

**Respostas das cruzadinhas**

1. Rato – 2. Macaco – 3. Peixe – 4. Coelho – 5. Galinha – 6. Urso.

Se você ainda tiver alunos com escritas não-convencionais, entregue-lhes um banco de respostas para que identifiquem na lista as palavras RATO, URSO etc. Para estes, o maior desafio será pensar nas relações entre o oral e o escrito.

Não se esqueça de que é fundamental agrupar os alunos com hipóteses pré-silábicas ou silábicas sem valor sonoro com os que já produzem escrita silábica com valor sonoro.

Os alunos com hipóteses silábicas com valor sonoro também podem ser agrupados com aqueles que apresentam hipóteses silábico-alfabéticas. Você pode centrar o desafio na escrita das palavras da cruzadinha e, nesse caso, ler as pistas para eles. Se ainda assim não descobrirem as respostas, não hesite em ajudá-los, pois o mais importante é que escrevam. Para preencher a cruzadinha, as crianças precisam escrever segundo suas próprias concepções, mas de acordo com o número de letras já definido, o que exige uma reflexão sobre a forma de grafar as palavras.

Quando perceber que têm dúvidas, procure remetê-los ao referencial de palavras que conhecem: nomes dos colegas, palavras muito usuais, textos poéticos memorizados (músicas, poemas etc.). A idéia não é que eles copiem as palavras de referência, mas que possam utilizá-las para pensar sobre a forma de grafar.

Para os alunos alfabéticos, coloque como desafio a leitura das pistas e também a escrita das respostas.

RODA DE CURIOSIDADES



Nas Rodas de Curiosidades os alunos têm acesso à leitura de textos de divulgação científica, fundamentais para seu aprendizado durante o processo

escolar e ao longo de toda a vida. Entre outras coisas, esse gênero de textos propicia a ampliação dos conhecimentos sobre o mundo, permite obter informações para uma pesquisa, conhecer novas descobertas científicas e aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto. É possível encontrar textos desse tipo em revistas especializadas, jornais, enciclopédias e livros de modo geral, em sites da Internet e em outras fontes. E seus propósitos comunicativos são variados: explicitar um fato; explicar uma nova descoberta etc.

Ao desenvolver essa atividade, converse com os alunos a respeito das fontes em que poderiam encontrar textos similares. Não se restrinja ao material apresentado aqui. Sempre que possível, recolha, para mostrar a seus alunos, textos desse tipo publicados em jornais, revistas, sites, livros ou enciclopédias, em seus próprios portadores.

PÁGINA 35

ADIVINHE QUAL É O BICHO



Talvez alguns alunos já consigam ler sozinhos, dependendo de sua ajuda apenas para encontrar a resposta que irão escrever. Para estes, entregue a quantidade exata de letras das respostas, para que possam trabalhar com as questões relacionadas à ortografia. A quantidade exata de letras sugere justamente a necessidade de escrever sem sobra ou faltarem letras. E logo após solicite que escrevam uma nova adivinha.

Para os que não conseguem ler sozinhos, você precisará ler em voz alta: neste caso, a atividade é de leitura para pensar sobre o sistema de escrita. Por isso, procure agrupá-los em duplas seguindo alguns critérios: os alunos com hipóteses de escrita silábica com valor sonoro devem ficar com colegas que tenham hipóteses de escrita silábica sem valor sonoro ou com hipóteses pré-silábicas, para que possam ler sem saber ler.

Experimente organizar um banco de palavras para os alunos localizarem a resposta correta, ou seja, lerem sem saber ler.

1	2	3	4
TANGERINA	FORMIGA	VELA	TOMATE
AEROPORTO	FARINHA	VACA	TOPEIRA
TARTARUGA	FURACÃO	URSO	TUCANO

Para os alunos não-alfabéticos, essa é uma atividade de leitura para pensarem sobre o sistema de escrita. Por isso, você não pode ler para eles as respostas, pois o desafio está justamente em colocá-los em uma situação de leitura na qual precisarão antecipar o que pode estar escrito e selecionar determinados elementos no texto para atribuir-lhes significado.

PÁGINA 36

RODA DE JORNAL

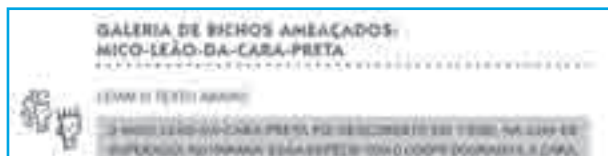


Escolha para essa roda de notícias um fato que seja foco das atenções no momento – no âmbito dos esportes, da política, da saúde, da ciência ou outro. Selecione notícias de jornais de diferentes datas e explore com os alunos algumas características desse tipo de texto. Ressalte que as notícias costumam ter três partes: título, chamada e desenvolvimento. A função do título é sintetizar o conteúdo central, procurando atrair a atenção do leitor; a chamada complementa o título, ressaltando a informação principal; e o desenvolvimento expõe a notícia com detalhes.

Escreva na lousa e compare os títulos e as chamadas publicados em diferentes veículos sobre o mesmo fato. Converse com os alunos para que digam o que pensam a respeito dessas diferenças e qual é sua opinião sobre o assunto. Crie uma boa situação problematizadora, para que os alunos possam estabelecer muitas relações nesse momento de leitura.

PÁGINA 39

GALERIA DE BICHOS AMEAÇADOS: MICO-LEÃO-DA-CARA-PRETA



Os alunos com hipóteses de escrita alfabética podem ter como desafios nessa atividade a leitura do texto e a seleção das informações necessárias para dar as respostas com autonomia.

Para saber mais

sobre estratégias de leitura, consulte o Bloco 3 do “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho”.

Para os que estão com hipóteses de escrita não-alfabéticas, focalize mais a reflexão sobre o sistema de escrita. Após ler para eles, peça-lhes que tentem encontrar no texto pistas a respeito das características físicas do animal. Ajude-os a lembrar o que o texto lido diz em relação a tais características. Oriente-os para localizar no texto as palavras CORPO DOURADO e CARA CLARA. Você pode ler mais uma vez o texto inteiro ou o trecho que menciona tais características, ou dar algumas pistas para que os alunos, recorrendo a suas próprias estratégias de leitura, selecionem a informação solicitada, mesmo ainda sem saber ler convencionalmente.

PÁGINA 44

RODA DE LEITURA



Defina previamente os critérios para comentar o livro na roda; isso é importante para que os alunos, aos poucos, aprendam a lançar um olhar mais refinado sobre as obras literárias.

Aqui, só poderão comentar os livros lidos aqueles que gostaram muito da leitura realizada. Discuta com eles as razões pelas quais gostaram do livro – do que gostaram, por quê?

Há muitas maneiras de justificarmos o motivo de gostar de determinada obra. Podem ser, por exemplo, sensações provocadas pelo texto (medo, alegria, curiosidade), interesse pela temática da obra (aventura, suspense, magia, encantamento, humor), preferência pelo autor, a linguagem utilizada (coloquial, formal, antiga, regional) ou o tipo de narrador (protagonista, testemunha, observador, onisciente). Enfim, são muitos os critérios para justificar o “gostar” ou não de um livro.

Fazer com que os alunos pensem sobre esses critérios é um passo para ajudá-los a desenvolver critérios de análise. É evidente que eles ainda não conseguem dar justificativas aprofundadas, mas você deve orientá-los para que fiquem atentos a esses aspectos. Aos poucos, eles começarão a utilizá-los com autonomia.

PIADAS



Nessa atividade é importante que os alunos tentem ler autonomamente. Mas se você ainda tiver alunos com hipóteses de escrita pré-silábica e silábica, eles precisarão de ajuda, pois sozinhos não conseguirão atribuir sentido ao texto. Eles também dependerão de seu apoio para a escrita. Portanto, use como critério para formar os grupos os conhecimentos semelhantes sobre a língua escrita. Solicite-lhes que escrevam os títulos conforme suas hipóteses, incentivando-os a refletir sobre a adequação do título à piada.

RECRIANDO POEMAS



Peça que seus alunos façam uma leitura silenciosa. Alguns lerão com rapidez, mas os que ainda não lêem convencionalmente precisarão de sua ajuda. Com eles, faça referência a palavras que conhecem de memória, para que possam inferir o que está escrito no título e o nome do autor. Quando todos terminarem a leitura, solicite-lhes que digam em voz alta o nome do autor e o título do poema.

Para complementar, dê-lhes as informações que achar interessantes a respeito do autor.

Manuel Carneiro de Sousa **Bandeira** Filho nasceu no Recife. Em 1904, com 17 anos, foi para São Paulo a fim de ingressar na Escola Politécnica. No ano seguinte contraiu tuberculose e precisou abandonar os estudos, para passar temporadas em cidades de clima mais propício.

Em 1913, foi procurar tratamento na Suíça, mas regressou em 1914, em consequência do início da Primeira Guerra Mundial. Seu primeiro livro, *A cinza das horas*, foi publicado em 1917.

Manuel Bandeira pertence à primeira fase do modernismo brasileiro. Embora não tenha participado da Semana de 1922, seu poema “Os sapos” provocou reações radicais na segunda noite do evento.

O poeta morreu com mais de 80 anos, em 13 de outubro de 1968. Além de *A cinza das horas*, estão entre suas principais obras: *Carnaval*, *O ritmo dissoluto*, *Libertinagem*, *Lira dos cinqüentanos*, *Estrela da tarde*, *Estrela da vida inteira*, *Crônicas da província do Brasil*, *Itinerário de Pasárgada* e *Fraude de papel*.

Você pode formar duplas, sugerindo que os alunos façam pequenas modificações no poema – brincar com os nomes, com os versos etc. Para essa situação de escrita é necessário que sempre um dos alunos da dupla escreva de forma muito próxima à convencional. Oriente para que o outro colega contribua oralmente, dizendo o que deve ser escrito. Assim você colocará para cada um deles um desafio de natureza diferente.

PÁGINA 52

RODA DE CURIOSIDADE



Pergunte aos alunos onde poderiam encontrar esse texto, incentivando-os a desenvolver noções sobre os diferentes portadores. Assim, irão aprendendo a buscar informações com autonomia, quando for necessário.

Nesse momento eles têm acesso à leitura de um artigo de divulgação científica, gênero fundamental para a continuidade do aprendizado durante o processo escolar e também ao longo da vida. Além disso, é uma fonte que lhes tornará possível ampliar o conhecimento de mundo.

PÁGINA 57

RODA DE JORNAL



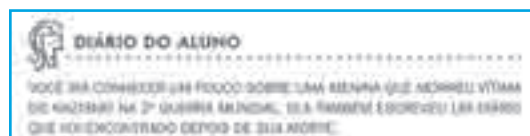
Ao ler textos jornalísticos para seus alunos, notícias ou reportagens, você contribuirá para que eles se informem, aprendam mais sobre determinado assunto e formem opiniões, entre outras coisas.

Procure estimulá-los para que expressem suas opiniões de forma livre e debatam idéias, utilizando para isso seu próprio conhecimento de mundo, além da interpretação do texto lido.

Lembre-se: essa atividade é um momento importante para ensiná-los a argumentar, ouvir e contra-argumentar.

PÁGINA 58

DIÁRIO DO ALUNO



O livro *Diário de Anne Frank*, que está na caixa de livros entregue para sua sala, é um ótimo modelo para que seus alunos se inspirem e elaborem seu próprio diário. Leia para eles alguns trechos do livro ou faça a leitura do livro inteiro, em partes; você pode ainda apresentá-lo aos alunos, deixando que seja lido por aqueles que se interessarem.

PÁGINA 60

POEMA PREFERIDO



Escolha um poema apresentado no volume 1 do qual os alunos tenham gostado muito e tenham aprendido a recitar.

Forme duplas cujos conhecimentos sobre o sistema de escrita sejam semelhantes. Isso será importante para que a atividade de leitura tenha desafios compatíveis com o que os dois alunos sabem.

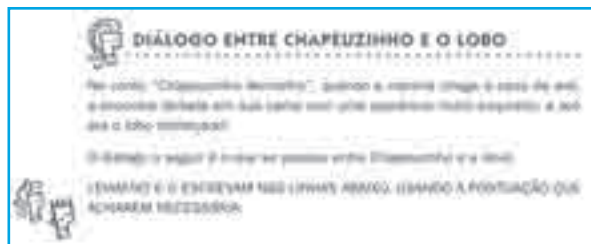
Para aqueles que já lêem com autonomia, você pode recortar o poema e distribuir a quantidade exata de letras soltas para que eles “montem” o texto, ou seja, escrevam o poema. Nessa situação o desafio será escrever as palavras de forma correta, pois são alunos que já sabem escrever e precisam estar atentos à ortografia.

Outra possibilidade consiste em entregar aos alunos o poema escrito em um papel e pedir para grifarem as palavras que acreditam serem difíceis para os colegas de um 3º ano escreverem. Depois socialize o que grifaram e discuta o porquê dessas dificuldades. Essa atividade também envolve a reflexão sobre a escrita correta das palavras.

Para os que ainda não lêem convencionalmente, experimente distribuir o texto recortado em versos e pedir para “montarem” o poema, colando os versos na ordem correta. Para estes, o desafio é ler com o uso de suas estratégias de leitura e dos indícios do próprio texto. Nessa atividade, os alunos que não sabem ler fazem uma reflexão sobre o sistema de escrita.

PÁGINA 65

DIÁLOGO ENTRE CHAPEUZINHO E O LOBO



Uma das finalidades dessa atividade é observar o que seus alunos sabem e como eles pensam a respeito do uso da pontuação nos textos com diálogos, para sistematizar esses conhecimentos em atividades subseqüentes. Esse conteúdo já foi objeto de reflexão quando os alunos discutiram seus possíveis usos nos diálogos; agora, essa atividade permite que coloquem em prática o que aprenderam anteriormente.

Leia o texto para os alunos e a seguir solicite-lhes que o copiem, colocando os sinais de pontuação que considerarem necessários. Enquanto isso, escreva o texto na lousa, sem a pontuação, como está no *Livro do Aluno*. Peça então que uma dupla pontue o texto na lousa, desencadeando uma discussão sobre a melhor forma de fazer isso.

PÁGINA 65

QUADRINHA PREFERIDA



Escolha para essa atividade uma quadrinha trabalhada no volume 1 da qual os alunos tenham gostado bastante. Incentive-os a ler sozinhos, em duplas. Forme duplas cujos conhecimentos sobre o sistema de escrita sejam semelhantes. Isso será importante para que a atividade de leitura tenha desafios compatíveis com o que os dois alunos sabem.

Para os que ainda não lêem convencionalmente, experimente distribuir o texto recortado em versos e pedir para “montarem” o poema, colando os versos na ordem correta. Nesse caso, o desafio para eles é ler, utilizando-se de suas estratégias de leitura e dos indícios do próprio texto. Nessa atividade, os alunos que não sabem ler fazem uma reflexão sobre o sistema de escrita.

Já para os alunos que lêem com autonomia, siga as orientações dadas nas atividades anteriores.

PÁGINA 69

LIÇÃO DE CASA

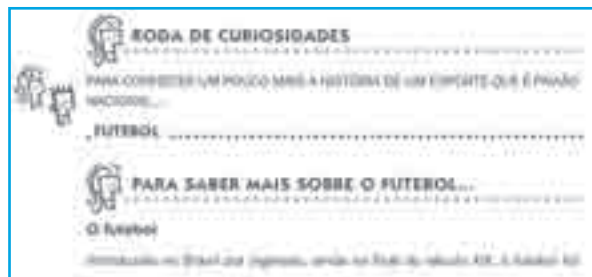
LIÇÃO DE CASA
APROFITE E SE ENTRE EM BOM ESTUDO UM AMIGO DA AVÓIA QUEM É
ESCREVA UMA CARTA AO SEU TIAVÃO CONTANDO SOBRE O QUE É TER UM
DIÁRIO O QUE SE PODE ESCREVER NELE E O QUE REPRESENTA PARA VOCÊ!

Converse com os alunos sobre as características de uma carta e sobre o que poderiam escrever nessa que vão produzir. Ajude-os a planejar o texto. Incentive os comentários de vários alunos a respeito de um diário, para que uns contagem os outros na produção de seu diário. Os meninos podem resistir mais a essa idéia, pois muitas vezes consideram que essa é uma prática de meninas. Para afastar essa impressão, comente com eles obras de muitos homens que escreveram diários – navegadores contemporâneos e de antigamente, como Amir Klink e Cristóvão Colombo (diário de bordo).

Retome os modelos de carta do volume 1, para ajudá-los a ter idéias.

PÁGINA 71

RODA DE CURIOSIDADES



Embora tenham título quase igual, os dois textos são bem diferentes. Chame a atenção dos alunos para a apresentação visual dos textos, isto é, a diagramação; pergunte-lhes onde acham que poderiam encontrar cada um deles e que tipo de informação esperariam encontrar em cada um desses portadores.

O primeiro texto é um verbete, em geral publicado em dicionários ou enciclopédias. Quanto ao segundo, talvez aparecesse em uma enciclopédia, mas não em um dicionário. Converse com os alunos a respeito das funções desses dois portadores. Explore também a possibilidade de achar um texto como o segundo em outros materiais – por exemplo, em um livro ou em uma revista de esportes.

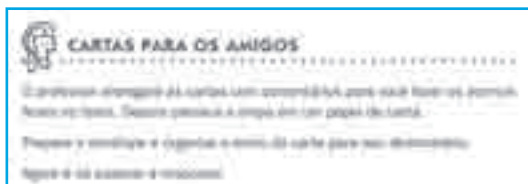
Pense em outras variações da atividade para os alunos alfabéticos. Você pode propor que selecionem e tragam para a classe notícias, reportagens e artigos sobre a copa publicados em jornais, revistas e sites. Organize depois grupos de alunos para lerem e discutirem o que aprenderam, preparando-se para socializar suas descobertas com o restante da turma, por meio de um registro sucinto.

Essa atividade contribui para o desenvolvimento de um comportamento leitor: socializar o que se lê, organizando registros para não esquecer os fatos mais importantes.

PÁGINA 73

CARTAS PARA OS AMIGOS

.....



Se possível, vá com os alunos a uma agência dos Correios, para que eles possam postar a própria carta. É importante que aprendam esse procedimento.

PÁGINA 74

RODA DE JORNAL

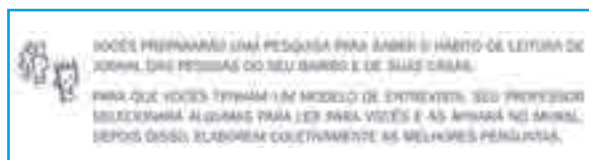
.....



O jornal é um portador de vários gêneros textuais – notícias, reportagens, crônicas, anúncios, resenhas e eventualmente entrevistas, biografias, poemas etc. Esse material é organizado em cadernos temáticos – esportes, economia, cultura, cotidiano e outros.

Escolha uma matéria que possa ser de interesse dos alunos e que não seja uma notícia, mas outro tipo de texto. Por exemplo: uma entrevista com um jogador ou um técnico de futebol ou uma resenha sobre um show de sucesso na cidade.

Leia o texto para os alunos e depois converse com eles, para que falem de suas hipóteses a respeito de qual seria o caderno em que esse tipo de matéria poderia estar. Para finalizar, mostre-lhes o caderno do jornal em que está o texto e deixe o material na sala de aula, para lerem em outro momento.



Procure definir com os alunos o que poderiam perguntar sobre o hábito de ler jornal. Se não tiverem muitas idéias, vá conversando a respeito de questões variadas: a importância da leitura de jornais; a frequência de leitura; o tipo de jornal lido; horário do dia em que a pessoa costuma ler, em que lugar da casa ou do trabalho; qual o caderno de que mais gosta, como procede para ler o jornal etc. Ajude-os a formular as perguntas e peça-lhes depois que as ditem, enquanto você registra na lousa para que copiem em seus cadernos.

Oriente a realização das entrevistas, explicando como devem registrar no caderno o nome do entrevistado e as respostas, numeradas de acordo com as perguntas. Cada dupla pode entrevistar duas pessoas. Leve para a sala de aula alguns modelos desse gênero de texto: a revista *Recreio*, bem como cadernos de jornais voltados para o público infantil – *Estadinho*, *Folhinha* –, publica boas entrevistas para essa faixa etária.

Na semana seguinte, quando trouxerem as entrevistas, oriente a tabulação dos dados, para divulgá-los na escola.

PÁGINA 74

LIÇÃO DE CASA

.....



Combine com os alunos o processo de pesquisa: como farão, com quem, onde, como organizarão os dados, como será apresentada para a sala e quando. Não se esqueça de que você deve cumprir o papel de orientador da pesquisa.

DIÁRIO DO ALUNO



Antes de propor essa atividade, procure livros que apresentem relatos de crianças e jovens escrevendo para amigos imaginários. O livro *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, é uma ótima referência para essa situação.

CRUZADINHA



Aqui também você pode encaminhar a atividade de acordo com as hipóteses de escrita de seus alunos, formando duplas com alunos cujos conhecimentos sejam próximos. Procure juntar alunos com hipóteses silábicas com valor sonoro a outros com hipóteses silábicas sem valor sonoro ou pré-silábicas. É fundamental que, em cada dupla, pelo menos uma criança produza escritas silábicas com valor sonoro.

Entregue-lhes um banco de respostas para que eles descubram onde estão escritas as respostas SETE, VERMELHO, CINDERELA etc. Eles podem fazer inferências a partir da primeira letra, baseando-se em letras conhecidas, de nomes dos colegas, rótulos e outros indícios. Depois de descobrirem a palavra, copiam-na na cruzadinha. Assim, embora você leia para eles as pistas que dão as dicas das respostas, o desafio é de leitura.

Os alunos com hipóteses silábicas com valor sonoro também podem ser agrupados com os de hipóteses silábico-alfabéticas; nesse caso, você lê as dicas das cruzadinhas para eles, e o desafio pode ser a escrita das palavras. Para preencher os quadradinhos, eles escrevem segundo suas próprias concepções, mas o número de letras já está definido, o que exige uma reflexão sobre a forma de grafar as palavras.

Quando os alunos tiverem dúvidas, vale a pena remetê-los ao referencial de palavras que conhecem: nomes dos colegas, palavras usuais, textos poéticos memorizados (músicas, poemas...). A idéia é que eles possam utilizar essas referências para pensar sobre a forma de grafar o que desejam escrever.

Para os alunos com hipóteses alfabéticas, tanto a leitura como a escrita serão o desafio. E é provável que já comecem a se preocupar com as questões ortográficas, por exemplo: VERMELHO é com LIO ou LHO? CINDERELA é com C ou S; M OU N?

PÁGINA 84

RODA DE LEITURA



A proposta hoje é trabalhar somente com livros divertidos, para focalizar os critérios que caracterizam esse tipo de história.

Os alunos podem achar um livro divertido por conta de um personagem engraçado, ou porque acontecem situações inusitadas e curiosas. Também se divertem com o jeito de o narrador contar a história, usando uma linguagem coloquial e próxima à vida deles. Enfim, são muitas as razões que suscitam esse comentário: “achei divertido”. Nessa roda, estimule os alunos para dizerem o que acham divertido e por quê.

PÁGINA 85

RISCO DE EXTINÇÃO



Antes de realizar essa atividade, converse com os alunos sobre o significado de “risco de extinção”, apresentando-lhes outros textos sobre esse conceito.

Essa é uma atividade de escrita para os alunos não-alfabéticos. É importante que você agrupe os alunos em duplas com hipóteses de escrita aproximadas. Entregue letras móveis com a quantidade não exata, para obrigá-los a refletir sobre o sistema de escrita.

Para os alunos com hipóteses de escrita alfabética entregue a quantidade exata de letras e solicite-lhes que escrevam sem deixar que sobrem ou faltem letras. O desafio aqui é pensar sobre as questões ortográficas. Peça-lhes que confrontem o que escreveram com a escrita de um colega da turma e procurem chegar à escrita convencional.

Para acompanhar mais de perto os alunos cujas escritas são não-convencionais, selecione com antecedência alguns textos sobre animais e entregue-os aos alunos que forem terminando a atividade – provavelmente, os alfabéticos – para que os leiam e preparem uma leitura em voz alta para o restante da turma.

PÁGINA 91

RODA DE CURIOSIDADES



Fixe um tempo para os alunos lerem o texto usando seus próprios conhecimentos e descubrirem qual é o animal raro. Combine que ninguém irá falar a resposta em voz alta antes do prazo combinado.

Para os alunos que ainda não conseguem ler com autonomia, você pode indicar a linha em que aparece o nome do bicho.

Depois que descobrirem o nome do GATO-ANDINO, leia e releia o texto em voz alta quantas vezes for necessário para que entendam o conteúdo e consigam preencher a tabela com as informações solicitadas.

Novamente, você terá de intervir de forma diferenciada de acordo com a competência de leitura e escrita dos alunos.

Os de hipóteses alfabéticas provavelmente realizarão a proposta com autonomia. Mas os outros provavelmente precisarão de sua ajuda para lembrar todas as informações que precisam registrar. Releia trechos do texto para eles, ajudando-os na escrita das respostas; deixe-os escrever segundo suas próprias hipóteses sobre a língua escrita.

PÁGINA 94

RODA DE JORNAL



Organize a classe em grupos, atribuindo a cada um a responsabilidade de tabular uma ou duas perguntas, dependendo da quantidade de perguntas e de alunos.

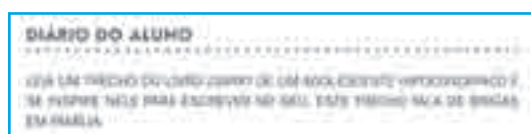
Costuma ser mais fácil para os alunos registrar os dados em tabelas; no entanto, se tiverem noções sobre a construção de um gráfico de barras, esta pode ser uma boa opção.

Oriente para que usem títulos chamativos e que estudem bem o tamanho das letras e a diagramação em geral, para chamar a atenção dos leitores.

O resultado final da pesquisa pode ser exposto em um mural fora da sala de aula, ou em cartazes espalhados pela escola.

PÁGINA 95

DIÁRIO DO ALUNO



Aqui temos mais um bom modelo para inspirar os alunos em suas produções no diário.

PÁGINA 97

PIADA



Leia a piada em voz alta para os alunos, orientando-os para que acompanhem a leitura em seus livros. Copie depois a piada na lousa e discuta a função dos sinais de pontuação: eles precisam entender que a pontuação está a serviço da compreensão do texto, atendendo a diversas possibilidades.

O objetivo dessa atividade é que os alunos aprendam que os procedimentos utilizados para pontuar dependem do gênero textual, do leitor que se quer alcançar, dos efeitos que se quer produzir no leitor etc.; e que existe uma diferença entre aprender a pontuar e aprender os nomes dos sinais de pontuação.

Analise com seus alunos o uso da pontuação nesse texto, estimulando-os a explicitar suas constatações sobre o uso do travessão e dos demais recursos.



Exemplo:

Mais uma do Joãozinho

Quando Joãozinho volta da escola, a mãe pergunta:

– Oi, meu filho. Como foi a escola hoje?

Joãozinho responde, contente:

– Foi bem!

A mãe pergunta novamente:

– Que bom! Aprendeu tudo?

Joãozinho responde:

– Acho que não, mamãe, porque amanhã vou ter de ir para a escola de novo.

É bem provável que os alunos peçam a você que repita a piada várias vezes, para não se esquecerem de nenhuma parte. Quando for contar de novo, fale com naturalidade, evitando forçar a pronúncia.

Organize duplas de alunos com conhecimentos bem próximos, para que possam escrever a piada e, ao mesmo tempo, cuidar do uso da pontuação.

Os alunos que ainda não escrevem convencionalmente também podem participar da atividade, escrevendo segundo suas hipóteses. Procure agrupá-los de maneira a permitir que compartilhem pontos de vista sobre o sistema de escrita alfabético.

PÁGINA 101

RODA DE LEITURA



Mais uma vez, os critérios para comentar livros lidos buscam evitar que essas situações se tornem monótonas, com todos fazendo um relato de suas impressões a respeito da leitura. Trata-se de um momento de aprendizagem de comportamento leitor em que eles próprios vão comentar as apreciações que fizeram de suas leituras.

É necessário buscar alternativas didáticas para que esse tipo de atividade crie um espaço dinâmico e sirva de referência na hora da escolha dos livros pelos alunos. Por se tratar de uma atividade que pretende ensinar um comporta-

mento de leitor, é fundamental criar situações em que os alunos possam contar por que não gostaram da leitura de determinados livros, pois não gostar também faz parte do processo de apreciação.

PÁGINA 107

ESCREVENDO UMA PIADA



Se determinados alunos tiverem dificuldade em se lembrar de uma piada, conte-lhes algumas para escreverem. Por exemplo:

Metais

- João, o que acontece com o ferro se é deixado à chuva e ao sol?
- Ele enferruja, professora.
- E com o ouro?
- Some rapidinho.

Diferença

Lucas pergunta para a professora:

- Professora, a senhora sabe a diferença entre a calça e a bota?
- Não sei não, Lucas. Qual é? – perguntou a professora.
- É que a bota, a gente calça, e a calça, a gente bota!

Obediente

A professora perguntou:

- Quem quer ir para o céu?

Todos levantaram a mão, menos Joãozinho.

- Por que você não quer ir para o céu, João? – perguntou a professora com ar desconfiado.

E o menino retrucou:

- É que a minha mãe pediu para que quando acabasse a aula eu fosse direto para casa.

Essa é uma atividade de reflexão sobre o sistema de escrita para os alunos não-alfabéticos. Por isso, é importante que você forme duplas com colegas cujas hipóteses de escrita sejam próximas. Solicite-lhes que escolham a piada juntos, para escrevê-la.

Para os alunos com hipóteses de escrita alfabética essa atividade envolverá a escrita da piada e a reflexão sobre questões ortográficas. Por isso, enquanto estiverem trabalhando, procure levantar questões a respeito desse aspecto.

Ao final, peça-lhes que troquem as piadas entre as duplas, levando todos a refletir sobre o uso da pontuação e sobre a ortografia das palavras.

Oriente-os para que procurem chegar a um consenso. Recolha os textos e, após tê-los lido, selecione algumas piadas para ler para a turma.

PÁGINA 107

RODA DE CURIOSIDADES



Aproveite para trazer um texto de um assunto bem curioso, usando fontes que as crianças também possam acessar. Recorra, por exemplo, ao acervo da sala de leitura, ao laboratório de informática ou a algum jornal. Uma boa indicação para você é a série “O Guia dos Curiosos”, com livros que abordam, entre outros assuntos, esportes e corpo humano. Consulte também o site www.guiadoscuriosos.com.br.

PÁGINA 109

ADIVINHAS



Alguns alunos provavelmente já conseguem ler sozinhos e talvez você precise apenas ajudá-los a encontrar a resposta para que possam escrevê-la. Para estes, entregue a quantidade exata de letras das respostas para que possam trabalhar com as questões relacionadas à ortografia: é uma forma de fazer com que precisem escrever sem sobram ou faltarem letras. Solicite a seguir que eles próprios escrevam uma nova adivinha.

Você também pode sugerir que trabalhem em duplas e depois troquem seus escritos com outras duplas, para pensarem nas questões ortográficas.

Para os que não conseguem ler sozinhos, você precisa ler em voz alta. Para eles, trata-se de uma atividade de leitura para pensar sobre o sistema de escri-

ta. Por isso, procure agrupá-los em duplas seguindo alguns critérios: os alunos com hipóteses de escrita silábica com valor sonoro devem ficar com colegas que tenham hipóteses de escrita silábica sem valor sonoro ou com hipóteses pré-silábicas, para que enfrentem o desafio de ler mesmo sem saber ler.

Nessa atividade, não é indicado organizar duplas de alunos silábicos sem valor sonoro com alunos pré-silábicos. É preciso garantir que pelo menos um da dupla tenha hipótese silábica com valor sonoro.

Experimente organizar um banco de palavras para os alunos localizarem a resposta correta, ou seja, leiam sem saber ler.

1	2	3	4	5	6
CARRO	LUPA	BALÃO	SOMBRA	PANELA	MULTA
GRUTA	LUVA	PILÃO	COMPRA	BATATA	MOSCA
GARFO	URSO	BOTÃO	SALADA	PIPOCA	MOEDA

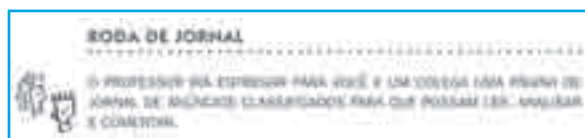
Por ser uma atividade de leitura para que os alunos não-alfabéticos possam pensar sobre o sistema de escrita, não leia para eles a lista de respostas. O desafio está justamente em colocá-los em uma situação de leitura na qual precisem acionar seus conhecimentos e selecionar determinados elementos do texto escrito para encontrar o significado. Para esses alunos, você também pode não entregar o banco de palavras e solicitar que escrevam as respostas em duplas, de acordo com suas hipóteses.

Respostas das adivinhas

1. Garfo – 2. Luva – 3. Botão – 4. Sombra – 5. Pipoca – 6. Moeda.

PÁGINA 110

RODA DE JORNAL



Os anúncios classificados – para compra, venda e aluguel de diversos produtos, busca de empregos e outras finalidades – têm ampla utilização social na vida cotidiana. Aprender a trabalhar com esse tipo de texto é importante para desenvolver a autonomia dos alunos.

O foco do trabalho é a leitura, a localização de informações, e não a produção escrita de anúncios. Os alunos precisam aprender como encontrá-los e sa-

ber como se organizam em seus portadores – jornais, guias, revistas. Leve para a sala de aula vários exemplares de jornal, oferecendo-lhes farto material para explorar – os jornais nem precisam ser do próprio dia.

PÁGINA 111

DIÁRIO DO ALUNO



Comente com os alunos o fato de que *O diário de Susie* não é um diário de verdade, mas sim uma ficção; os autores escreveram o livro com base em seu conhecimento sobre diários de adolescentes. Há muitas e muitas gerações esse é um hábito típico da adolescência, fase de muitas inquietações e dúvidas. Escrever ajuda a entender melhor tudo que acontece.

Aproveite para recomendar a leitura desses livros e também a escrita do diário pessoal.

PÁGINA 115

CRUZADINHA



Como você já tem feito, agrupe os alunos em função do que sabem sobre a língua escrita.

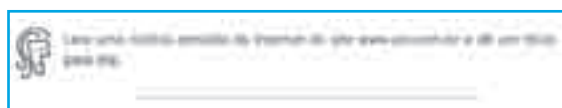
É importante que os alunos com hipóteses de escrita silábica com valor sonoro sejam agrupados com aqueles cujas hipóteses de escrita são pré-silábicas ou silábicas sem valor sonoro. Para estes, a atividade é de leitura. Entregue-lhes um banco de respostas (lista com as respostas) para eles descobrirem onde está escrito OLHO, CABEÇA, BOCA etc. Eles poderão fazer inferências a partir da seleção de letras que conhecem, palavras estabilizadas e outros indicadores; ao descobrir qual é a palavra, podem copiá-la na cruzadinha. Portanto, para esses alunos, o desafio está na leitura.

Para os alunos com hipóteses silábico-alfabéticas o desafio será a escrita das palavras. Eles vão escrever nas cruzadinhas de acordo com suas próprias

hipóteses; no entanto, como o número de letras já está definido, impõe-se uma reflexão sobre a forma de grafar as palavras. Quando os alunos tiverem dúvidas, vale a pena remetê-los ao referencial de palavras que já conhecem: nomes dos colegas, palavras usuais, textos poéticos memorizados (músicas, poemas etc.). A idéia é que eles possam utilizar essas referências para pensar sobre a forma de grafar o que desejam escrever.

Para os alunos com hipótese de escrita alfabética o desafio estará nas questões ortográficas – por exemplo: NARIZ, não é com S? ORELHA é com LIA ou LHA?

PÁGINA 117



Leia em voz alta a primeira parte e faça perguntas para que manifestem o que entenderam. Se necessário, leia novamente para que todos possam compreender melhor o texto.

Em seguida, peça-lhes que escrevam um título para esse texto. Organize as duplas de acordo com as hipóteses de escrita dos alunos:

- silábica com valor sonoro com silábica sem valor sonoro e/ou pré-silábica;
- alfabética com silábico-alfabética;
- alfabética com alfabética.

Desse modo, um colega pode ajudar o outro a avançar em seus conhecimentos sobre a escrita.

As duplas podem copiar na lousa os títulos sugeridos, o que permitirá discutir a forma de escrever. Não existe título certo, mas é possível discutir o título mais adequado ao texto.

PÁGINA 118

TÍTULOS DOS CONTOS

.....



Para os alunos não-alfabéticos essa atividade é de leitura para reflexão sobre o sistema de escrita. É importante que você organize duplas em que um aluno com hipóteses de escrita silábica com valor sonoro se junte a outro com hipó-

teses de escrita pré-silábica ou silábica sem valor sonoro, para que as duplas tenham condições de estabelecer alguma relação entre os títulos que supõem estar na lista com o texto escrito de fato.

Para os alunos com hipóteses de escrita alfabética, entregue a quantidade exata de letras e peça-lhes que escrevam sem deixar sobrar ou faltar letras. O desafio aqui é pensar sobre as questões ortográficas.

PÁGINA 118

RODA DE LEITURA



Fale de sua experiência como leitor – quando começou a ler livros, qual foi o primeiro que leu (se lembrar), qual foi o mais marcante até hoje – e comente o livro que está lendo no momento.

Se preferir, comente alguns dos livros que já leu até agora para a classe, dando sua opinião a respeito deles, dizendo de quais gostou mais. Procure justificar, usando vários critérios para analisar a obra literária.

PÁGINA 122



Como preparativo, selecione alguns livros de literatura infanto-juvenil para mostrar as sinopses que aparecem na contracapa ou na orelha do livro. Converse com seus alunos para que digam o que observaram e somente depois proponha que produzam sua sinopse.

Ainda não é esperado que os alunos estejam escrevendo corretamente, por isso precisam de sua ajuda; mas não tenha como expectativa uma escrita convencional. Nessa fase, é natural que troquem, omitam ou acrescentem letras, pois ainda estão se apropriando das correspondências entre os fonemas e suas representações gráficas. Por isso, quando terminarem de escrever o texto, diga para relerem, observando se não está faltando alguma letra ou alguma informação.

A produção deve ser individual, mas pode haver colaboração entre os colegas. Se alguns acabarem antes, peça-lhes que ajudem quem ainda não terminou.

Ao final, recolha as produções dos alunos para ler e comentar por escrito o que cada um pode aprimorar. Pense no que privilegiar nessa revisão.

Para os alunos que ainda não estão alfabéticos, a revisão focaliza a adequação do texto, ou seja, se ficou com características de sinopse.

Nesse caso, você pode selecionar uma das produções, a que for mais fácil resgatar – provavelmente, de alunos com hipóteses silábico-alfabéticas –, organizar um grupo e revisar o texto com a ajuda deles.

PÁGINA 125

RODA DE JORNAL



Selecione notícias sobre assuntos diversos, porém de interesse dos alunos.

Nessa atividade você deverá garantir que em cada dupla pelo menos um aluno consiga ler com mais autonomia. Oriente para que leiam o TÍTULO e a CHAMADA, bem como as LEGENDAS das ilustrações, pois assim será mais fácil entender o texto.

Esse é um momento importante da Roda de Jornal, pois as crianças precisam ler em duplas, sozinhas, o que você selecionou. Não se esqueça de transitar pela sala e ajudá-las na leitura e na compreensão dos conteúdos do texto.

Ajude-as a se preparar para comentar o que leram. Se considerar que a atividade está ficando muito longa, deixe os comentários de algumas duplas para outro dia.

PÁGINA 127



Certifique-se de que os alunos entenderam seus comentários sobre o texto produzido, para que possam revisá-lo. Entregue-lhes folhas para passarem a limpo, sugerindo que ilustrem e façam uma diagramação bem caprichada, pois as sinopses serão expostas na Sala de Leitura.

Peça-lhes que olhem a página 111 do *Livro do Aluno*, volume 2, para observar a diagramação da sinopse de *O diário de Susie*.

A CARTA DO JOVEM PRÍNCIPE



Relembre com seus alunos as características de uma carta: tipo de diagramação e organização das informações – data e local, nome do destinatário, desenvolvimento do texto e encerramento, com despedida e assinatura.

Se seus alunos ainda não escrevem convencionalmente, procure reunir em duplas os que escrevem com mais autonomia e dedique-se a acompanhar mais de perto os que necessitam de mais ajuda: oriente-os com intervenções que contribuam para formular o texto (linguagem) ou refletir sobre o sistema de escrita.

De qualquer forma, é necessário planejar com antecedência quais duplas você acompanhará mais de perto, pois não é possível atender todas num mesmo dia.

RODA DE LEITURA



Convide para ler sua sinopse os alunos que se sentem mais preparados para ler em voz alta. Aqueles para quem a leitura em voz alta é mais difícil podem pedir a um colega, ou mesmo a você, que leia por eles. Prepare-se para ler o texto deles ou daqueles que, embora ainda não escrevam convencionalmente e apresentem questões sobre o sistema de escrita, podem produzir textos bem interessantes.

RODA DE CURIOSIDADES



Essa atividade é importante para ajudar os alunos a estabelecer uma relação boa com a leitura, vendo-a como algo curioso, interessante e divertido.

E para compreenderem que podem ler com diferentes propósitos, entre os quais obter informações, saber mais sobre determinado assunto, divertir-se ou emocionar-se.

Se preferir, leia as perguntas para os alunos; ou então incentive-os a ler por conta própria. Para aqueles que ainda não lêem convencionalmente, você pode solicitar-lhes que localizem determinadas palavras nas perguntas – por exemplo: ESQUELETO, ORGANISMO, FEBRE –, dando algumas dicas e fazendo-os mobilizar estratégias de leitura.

Antes de iniciar a leitura em voz alta, levante o conhecimento prévio dos alunos sobre cada uma das questões e anote na lousa; leia o texto que corresponde à primeira pergunta e retome em seguida o que os alunos haviam levantado antes da leitura, confrontando com o que aprenderam.

Utilize esses procedimentos em relação a cada uma das questões.

Para saber mais:

Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo II do Ensino Fundamental.

■ Projeto didático

Vamos falar agora do segundo projeto didático que você realizará. O primeiro foi desenvolvido em torno do tema “Jogos”, para os alunos aprenderem a ler e a escrever textos instrucionais. No novo projeto, “Contos de Assombração”, trabalharemos com o gênero “conto”.

Essa escolha didática justifica-se por ser muito produtiva, pois o trabalho com projeto didático proporciona a oportunidade de compartilhar todas as etapas com os alunos, desde o início: o planejamento, seu propósito e as outras fases, até o produto final. É uma forma de mobilizar os alunos até mesmo para a aprendizagem de conteúdos complexos.

Costumamos dizer que os projetos didáticos de leitura e escrita oferecem a melhor maneira de organizar os conteúdos da língua, nos quais a leitura e a escrita ganham sentido e os alunos se colocam como seus usuários em situações bem próximas das que ocorrem socialmente.

O projeto “Contos de Assombração” tem como propósito didático, isto é, como **objetivos de ensino**, que os alunos aprendam:

- a linguagem escrita própria dos contos, especificamente dos de assombração;
- a reescrever contos de assombração, utilizando a linguagem própria desse gênero literário;
- procedimentos de produção de texto de forma individual e coletiva: planejamento, textualização e revisão;
- procedimentos de leitura em voz alta de contos de assombração para determinado público.

É muito importante compartilhar com os alunos a proposta de escrever um livro de contos destinado aos pais e familiares, a uma escola ou a outro destinatário definido por vocês coletivamente. Compartilhar os propósitos comunicativos do projeto com os alunos, definindo para que e para quem vão escrever, faz com que sua produção ganhe sentido e favorece a aprendizagem da leitura e da escrita. O produto final do projeto será um único livro, composto de textos reescritos por todos da classe, coletivamente e em duplas.

A escolha do destinatário do projeto determina a necessidade de produzir um ou mais exemplares do mesmo livro – e essa decisão precisa estar em consonância com a possibilidade de a escola reproduzir as cópias. Não se esqueça de planejar e organizar o evento de lançamento do livro, no qual será entregue a publicação e os alunos lerão seus contos de assombração em voz alta, para o público escolhido.

Resumindo, o projeto será composto de:

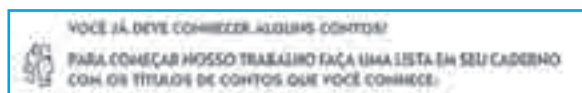
- **um produto final:** livro produzido pelos alunos reunindo três tipos de produção: dois contos reescritos coletivamente e um conto reescrito em duplas;
- **uma situação de comunicação oral:** lançamento do livro, com leitura em voz alta pelos alunos para os convidados de honra, que receberão o livro autografado pelos autores.

Etapas do projeto

1. Compartilhar com os alunos a proposta do projeto, definindo em conjunto qual será o produto final e quem será o destinatário.
2. Levantamento dos contos conhecidos pelos alunos.
3. Durante todo o desenrolar do projeto didático, leitura pelo professor de contos de assombração selecionados, para garantir o contato intenso dos alunos com bons modelos do gênero.
4. Seleção de contos pelos alunos da classe que serão lidos em voz alta, no dia do lançamento.
5. Treino da leitura em voz alta, dos alunos que farão a apresentação no dia do lançamento do livro, dos contos selecionados.
6. Reescrita coletiva, em etapas, de dois contos selecionados pelo grupo para compor o livro. Esses procedimentos contribuem muito para o aprendizado da leitura e da escrita do gênero em estudo.
7. Revisão coletiva, em etapas, dos dois contos reescritos coletivamente pelos alunos, para aprender a escrever e ao mesmo tempo revisar o gênero em estudo.
8. Revisão em duplas de um conto reescrito coletivamente, para que os alunos percebam o que já conseguem fazer sozinhos e aprendam mais com essa situação didática.

9. Reescrita em duplas de um texto escolhido pela própria dupla entre os contos de assombração lidos pelo professor para compor o livro.
10. Revisão da reescrita em duplas, com o apoio do professor, para que aprendam a escrever e revisar o gênero em estudo.
11. Revisão, pelo professor, da reescrita feita pelas duplas – o professor deixa recados para os alunos reverem determinados pontos.
12. Revisão da reescrita produzida pelas duplas, feita por outra dupla.
13. Revisão final realizada pelo professor.
14. Apreciação de capas de diversos livros para preparar a elaboração do livro da classe.
15. Confecção do livro (capa, ilustração, diagramação etc.).
16. Preparação para o lançamento.
17. Lançamento do livro.

PÁGINA 6



Os alunos alfabéticos podem realizar essa atividade individualmente, a partir de suas orientações. Diga-lhes para escrever os títulos dos contos que conhecem, procurando agrupar os vários tipos: de fadas, de assombração, de terror, de mistério, de aventuras etc. Antes de começarem a escrever, discuta alguns critérios para que eles possam tomar decisões sobre a organização da lista, agrupando os contos. Se tiverem dificuldade em se lembrar de alguns contos, ajude-os comentando os que foram lidos por você nas atividades de leitura diária.

Se você ainda tiver alunos não-alfabéticos em sua sala, precisará adaptar a atividade. Organize um agrupamento com os alunos com hipóteses de escrita não-alfabética, faça um levantamento dos contos que eles já conhecem e vá ditando um a um para que escrevam. Enquanto trabalham, questione suas escritas de maneira a promover avanços em relação a suas hipóteses. Lembre-se: o objetivo não é escreverem convencionalmente, mas refletirem sobre o sistema de escrita alfabético.

Ao final, socialize as listas escritas pelos alunos alfabéticos e discuta os critérios utilizados para agrupar os contos. Nesse momento, todos podem participar e aprender – alunos alfabéticos e não-alfabéticos.

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias criações. É importante que nunca se perca

Para saber mais

sobre a leitura realizada pelo professor ou sobre a situação de produção de textos dentro de um projeto didático, leia o Bloco 4 do “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho”.

*de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de texto, mas de práticas constantes de leitura.*³

É com esse objetivo que você irá ler contos de assombração para seus alunos, em diferentes momentos do projeto: para oferecer-lhes bons modelos do gênero em estudo.

Procure preparar a leitura antecipadamente, para poder dar as entonações e pausas adequadas.

Antes de começar, leia o título do conto e pergunte aos alunos o que eles acreditam que irão ouvir nessa leitura. Não diga se estão certos ou errados, crie um clima de expectativa. Se puder, organize a sala de forma a tornar o ambiente mais propício para a leitura.

*Quando os alunos ainda não sabem ler, é o professor quem realiza as leituras, emprestando sua voz ao texto. Enquanto escutam leituras de contos, histórias, poemas etc., os alunos se iniciam como “leitores” de textos literários. Mas é preciso nunca esquecer que ler é diferente de contar. Ao ler uma história, o professor deve fazê-lo sem simplificá-la, sem substituir termos que considera difícil. Não é porque a linguagem é mais elaborada que o texto se torna incompreensível. É justamente o contato com a linguagem escrita, como ela é, que vai fazendo com que se torne mais acessível.*⁴

Então, cuide bem dos momentos de leitura dos contos de assombração, pois são muito importantes para o processo de aprendizagem de seus alunos.

PÁGINA 9

Atividade de sala:
CONTAR OU LER COM SEUS PARES OU INDICAR ESTE CONTO E SEJA SE ELES CONHECEM OUTROS CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO POPULARES QUE CONTEM PARA VOCÊ REGISTRE EM SEU CADerno O TÍTULO DO CONTO E O NOME DE QUEM O CONTOU PARA VOCÊ.

*Os contos populares têm sido recontados ao longo de nossa história pelas amas de leite, pelos viajantes, mascates, contadores de estórias que habitaram e habitam as mais diversas regiões do Brasil. Como um rio que não pára de correr, são continuamente lembrados por pessoas que conhecem o valor de sua sabedoria.*⁵

³ Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Brasília: SEF/MEC, 1997.

⁴ “Aprender a linguagem que se escreve”, in: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, Módulo 2 (M2U6T4). Brasília: SEF/MEC, 2001.

⁵ Regina Machado, in: Ricardo Azevedo: Contos de espanto e alumbamento. São Paulo: Scipione, 2005.

Tendo isso em mente, trate essa lição de casa como um resgate dos contos conhecidos pela comunidade, para além da sala de aula e da escola. Por isso, procure motivar bem os alunos para realizá-la e crie espaço na sala de aula para que possam recontar os contos resgatados na comunidade; você pode inclusive convidar contadores locais para participar de uma roda de contos na escola.

PÁGINA 16



Faça uma lista na lousa com os títulos dos contos e os nomes dos alunos que os trouxeram. Se alguma história não tiver título, discuta com a turma a criação de um, para anotar na lousa.

Organize uma agenda para garantir que todos tenham oportunidade de dar sua contribuição, ao longo desta semana e da próxima.

Não se esqueça de anotar o título e o nome de quem o contou, fazendo um cartaz que vá sendo completado à medida que prosseguem as narrativas.

E se houver bons contadores de contos de assombração na comunidade, não deixe de convidá-los para uma roda com vocês.



Comente com os alunos que em alguns livros há vários contos e em outros o título do próprio livro é o do conto.

Fale também da importância de anotarem os dados do livro do qual você tiver lido um conto, pois assim, se quiserem, poderão procurá-lo na Sala de Leitura.

O objetivo dessa atividade é organizar o acervo de textos lidos pelo professor para que o aluno possa ir controlando tanto o que está sendo lido como também suas preferências.

Se houver alunos não-alfabéticos em sua sala, organize duplas com alunos alfabéticos, que cumprirão a função de escriba dos colegas não-alfabéticos e, ao mesmo tempo, poderão compartilhar pontos de vista sobre as leituras que você fez.

O título do conto é "O nome do camomilheiro".
De que está falando esse conto?

Para saber mais

sobre o que cabe ao professor realizar antes da leitura de um texto, leia o *Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo II do Ensino Fundamental* (São Paulo: DOT/SME, 2006), págs. 12 a 22.

Essa atividade de leitura pelo professor exige uma preparação prévia. Antes de começar a ler, converse com seus alunos a respeito de suas expectativas: o que imaginam que irá aparecer, qual será o assunto e assim por diante. Vá organizando por escrito na lousa as idéias prévias dos alunos, para que possam confrontá-las durante e ao final da leitura. Essa lista anterior à leitura é apenas um levantamento das hipóteses dos alunos. "A análise exploratória que o leitor realiza antes da leitura permite também a ele antecipar com maior ou menor assertividade o assunto e a idéia principal do texto."⁶

Sugerimos aqui algumas pausas que você pode fazer durante a leitura, para que os alunos comentem, façam perguntas e antecipações.

Leia o conto até o terceiro parágrafo, que termina em "**Foi mais ou menos assim que aconteceu**". Interrompa a leitura e converse com os alunos, para que possam fazer o confronto com suas idéias anteriores e verificar o que querem manter na lista. Assim poderão confirmar suas antecipações ou refutá-las.

Retome então a leitura. Procure criar suspense, interromper em algum ponto interessante e indagar o que supõem que poderá ocorrer. Questione, por exemplo, em relação ao encontro marcado: será que ela irá? Continue até o parágrafo:

"Leôncio insistiu em acompanhar a moça até sua casa. Ela aceitou a companhia, era perto, iriam a pé."

Faça então uma pausa na leitura e converse com a classe; chame a atenção para o fato de que, até essa parte da história, não existe assombração alguma. Crie um suspense, dizendo que algo de assombroso decerto ainda vai acontecer; incentive os alunos a imaginar o que está por vir.

Retome a leitura e continue até o parágrafo:

"Leôncio viu Marina desaparecer na bruma da madrugada. Com as mãos nos bolsos e o corpo retesado pela friagem, o caixeiro retornou ao hotel."

Neste trecho, pergunte aos alunos qual personagem será assombrado e por quê. Que pistas o texto dá para fazer antecipações? Após discutir as questões, continue a ler, até o final.

Terminada a leitura, incentive os alunos a manifestar suas opiniões e diga para registrarem sua apreciação na tabela. Pergunte se chegaram a sentir medo e, se quiser, releia alguns trechos. Aproveite para dar também sua opinião a respeito do conto.

Não se esqueça: o objetivo dessa atividade de leitura feita pelo professor é oferecer aos alunos bons modelos do gênero em estudo.

⁶ *Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo II do Ensino Fundamental*. São Paulo: Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação (DOT/SME), 2006.

Para saber mais

sobre como proceder antes, durante e depois da leitura, consulte o *Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo II do Ensino Fundamental* (São Paulo: DOT/SME, 2006).

PÁGINA 21

Não se esqueça de registrar as ideias deste conto e a sua apreciação na tabela de seu caderno.

Cuide para que o registro da apreciação do conto não seja feito de forma burocrática. Procure motivar seus alunos para que queiram dar sua opinião. Para isso, confronte as opiniões deles e manifeste também a sua. Se puder, faça uma tabela igual num cartaz e indique a porcentagem de avaliações daquele conto.

PÁGINA 29



O objetivo dessa leitura em voz alta pelo professor é dar aos alunos a oportunidade de conhecer mais um conto de assombração. Afinal, é necessário conhecer uma diversidade de contos para desenvolver o gosto pela leitura e, ao mesmo tempo, aprender a linguagem própria desse gênero, para poder utilizá-la na reescrita desses contos. Mais uma vez, cuide para que o registro da apreciação do conto não seja burocratizado. É preciso que os alunos queiram dar sua opinião. Confronte essas opiniões e dê também a sua.

PÁGINA 36



Os objetivos dessa atividade são fazer com que os alunos aprendam procedimentos de seleção de textos em suportes diversos (livros, revistas, jornais etc.) e saibam como buscar informações e selecioná-las, de acordo com seus propósitos. Tais aprendizagens permitem que os alunos construam comportamentos de leitor e, assim, passem a se utilizar de procedimentos próprios de um leitor experiente. Nesse sentido, é fundamental:

- Ouvir suas explicações sobre como fizeram para encontrar os livros e definir seu conteúdo.
- Explicar como os leitores experientes fazem para encontrar os livros que querem: entre outras coisas, orientam-se pelo título, procuram no índice, lêem rapidamente alguns trechos para ter uma idéia do conteúdo e da linguagem.

Provavelmente, seus alunos recorreram a alguns desses procedimentos. Chame a atenção deles para isso, e incentive seu uso para que aprendam a selecionar livros, revistas, textos, assuntos etc. Explícite os procedimentos adota-

dos por você para selecionar as próprias leituras. Para que possam aprender, é fundamental criar situações em que precisem usar esses procedimentos.

Enquanto os alunos alfabéticos realizam a atividade de seleção dos livros com contos de assombração, você pode organizar um agrupamento com os não-alfabéticos. Apresente a eles um ou mais livros de contos de assombração e procure instigá-los a descobrir o título e o nome do autor, utilizando pistas como a ilustração da capa, letras conhecidas, referência baseadas em nomes de colegas, rótulos etc.

Para os alunos alfabéticos, essa atividade é de aprendizagem de comportamentos leitores; já para os não-alfabéticos, ela deve ser focada na reflexão sobre o sistema de escrita alfabético, a partir da mobilização das estratégias de leitura.

No final, você pode socializar os livros selecionados pelos alunos alfabéticos e os critérios utilizados por eles; assim, todos – alfabéticos e não-alfabéticos – poderão aprender com a atividade.

PÁGINA 44



Essa atividade é uma excelente situação de reflexão sobre o sistema de escrita alfabético para os alunos que não lêem e escrevem convencionalmente. A idéia é que você faça, com esse grupo de alunos, um levantamento de alguns dos títulos de contos de assombração ou de contos engraçados conhecidos por eles. Organize o agrupamento ou as duplas e vá ditando os títulos sugeridos pelos próprios alunos. Durante a escrita, instigue-os a refletir sobre o que já escreveram, questionando-os, ajudando-os a buscar pistas nos nomes de colegas, em rótulos ou em outras palavras estabilizadas. Peça-lhes que leiam o que já escreveram e confronte suas hipóteses.

Você pode também orientá-los para escrever alguns títulos usando as letras móveis. Aqui, não é necessário que escrevam muitos títulos – às vezes, a produção de um único título já constitui uma boa situação de reflexão sobre a escrita.

Para os alunos alfabéticos, você pode solicitar-lhes que listem os títulos dos contos de medo e contos engraçados, cuidando da ortografia das palavras. Proponha-lhes que se sentem com um colega, quando terminarem a lista, para discutir as diferenças na maneira de escrever, procurando chegar à escrita convencional.



Refletir sobre a forma de o autor utilizar as palavras é uma situação de **análise de texto bem escrito** e tem o objetivo de tornar observáveis para os alunos os recursos adotados pelo autor para deixar o texto bem escrito, atraente, gostoso de ser lido.

Analisar textos bem escritos, de autores reconhecidos, é uma situação que, quando bem encaminhada pelo professor, pode ter grande impacto na qualidade dos textos produzidos pelos alunos.

Quando, por exemplo, os alunos são convidados a buscar nos textos as opções do autor para resolver problemas de repetição de palavras, recursos utilizados para descrever os personagens, o lugar, indicar mudança de tempo etc. – que muitas vezes marcam o estilo do escritor – ou são convidados a observar a forma como os autores utilizam (ou não) recursos de substituição, de concordância, de pontuação, entre outros, permite não só que os alunos percebam e reconheçam a qualidade estética do texto, mas, com o tempo, torna possível o uso desses recursos estilísticos em suas próprias produções.⁷

Como preparação para realizar essa atividade, estude o texto e avalie quais elementos acha que vale a pena apreciar com os alunos. Tente também prever quais partes seus alunos vão escolher para apreciar com você.

Tome bastante cuidado para não transformar a atividade em uma interpretação de texto, com perguntas do tipo: O que o autor queria dizer? Como podemos escrever de outra forma? O objetivo dessa situação de ensino não é escrever de outra forma o que foi escrito, por exemplo, por Gabriel García Márquez, nem discutir o que o autor quis dizer. É um momento de apreciação da forma, que pode ser orientado por questões do tipo:

- Qual forma o autor usou para dizer isso?
- Qual recurso ele usou para dar esse efeito?
- O que ele faz para tornar o texto tão assombroso?

⁷ “Contribuições à prática pedagógica – 8”, in *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores*, Módulo 2 (M2U8T5). Brasília: SEF/MEC, 2001.



Para começar a trabalhar com os alunos a produção de textos, desenvolva uma atividade de reescrita coletiva de um conto. Na situação de reescrita, os alunos escrevem uma versão de um conto conhecido. Não produzem a escrita de um texto memorizado, ou seja, uma reprodução fiel do texto.

A reescrita é uma atividade de produção textual com apoio, é a escrita de uma história cujo enredo é conhecido e cuja referência é um texto escrito. Quando os alunos aprendem o enredo, junto vem também a forma, a linguagem que se usa para escrever, diferente da que se usa para falar. A reescrita é a produção de mais uma versão, e não a reprodução idêntica. Não é condição para uma atividade de reescrita – e nem é desejável – que o aluno memorize o texto. Para reescrever não é necessário decorar: o que queremos desenvolver não é a memória, mas a capacidade de produzir um texto em linguagem escrita. O conto tradicional funciona como uma espécie de matriz para a escrita de narrativas [...] ao reescrever uma história, um conto, os alunos precisam coordenar uma série de tarefas: eles precisam recuperar os acontecimentos, utilizar a linguagem que se escreve, organizar junto com os colegas o que querem escrever, controlar o que já foi escrito e o que falta escrever.⁸

Portanto, a proposta não é trabalhar a memória, mas sim possibilitar uma situação de produção de texto em que a idéia (o enredo da história) esteja garantida. Assim, permitimos que os alunos foquem sua atenção na linguagem escrita, na melhor forma de se comunicar com o leitor e fazer com que ele se interesse pela leitura do texto, se emocione, se arrepie, se envolva com a história. Preocupar-se com esses aspectos relacionados à linguagem escrita implica práticas de comportamento escritor, isto é, implica preocupar-se constantemente com o leitor, com a legibilidade do texto.

Tendo como base um texto-fonte, um conto já existente, podemos “mergulhar” no texto e na maneira de o autor causar o efeito que causa em seus leitores; para tentar resultados equivalentes, podemos recorrer aos mesmos recursos em nossa escrita. Quanto mais textos de boa qualidade e de bons autores pudermos conhecer profundamente e quanto mais tivermos a chance de “imitá-los”, produzindo reescritas de seus textos, mais condições teremos de criar nossos próprios textos.

⁸ “Aprender a linguagem que se escreve”, in: *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores*, Módulo 2 (M2U6T4). Brasília: SEF/MEC, 2001.

As situações de reescrita ajudam os alunos a aprender a produzir melhores textos e, além disso, oferecem condições para que produzam textos com autonomia, utilizando-se dos recursos da linguagem que se escreve, adequada à intenção que se quer comunicar.

PÁGINA 57

O PROFESSOR ESCREVERÁ UMA PARTE DO TEXTO NA ALFA DE HUIE E ANINHÁ Dará continuidade a ele. Antes de escrever a segunda parte, INVIAM O QUE JÁ ESCREVERAM E CONTINEM A PRODUÇÃO.

A situação criada nessa atividade é chamada de “produção oral com destino escrito”. Nela, os alunos ditam e você cumpre o papel de escriba. Na qualidade de escriba, aproveite para discutir com eles o que é preciso para deixar o texto bem escrito, cuidando de ortografia, pontuação, aspectos de concordância verbal e nominal.

Se o conto escolhido tiver sido lido há muito tempo, vale a pena fazer uma nova leitura para que os alunos consigam recuperá-lo. Em seguida, incentive-os a fazer o reconto oral, retomando o conto parte por parte.

Oriente-se pelo que o *Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil* diz a esse respeito:⁹

Ditar um texto para o professor, para outra criança ou para ser gravado em fita cassete é uma forma de viabilizar a produção de textos antes de as crianças saberem grafá-los. É em atividades deste tipo que elas começam a participar de um processo de produção de texto escrito, construindo conhecimento sobre essa linguagem, antes mesmo que saibam escrever autonomamente. Ao participar em atividades conjuntas de escrita, a criança aprende a:

- *repetir palavras ou expressões literais do texto original;*
- *controlar o ritmo do que está sendo ditado, quando a fala se ajusta ao tempo da escrita;*
- *diferenciar as atividades de contar uma história, por exemplo, da atividade de ditá-la para o professor, percebendo, portanto, que não se dizem as mesmas coisas nem da mesma forma quando se fala e quando se escreve;*
- *retomar o texto escrito pelo professor, a fim de saber o que já está escrito e o que ainda falta escrever;*
- *considerar o destinatário ausente e a necessidade da clareza do texto para que ele possa compreender a mensagem;*
- *diferenciar entre o que o texto escrito diz e a intenção que se teve antes de escrever;*

⁹ “Práticas de escrita: orientações didáticas”, in *Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil*, vol. 3. Brasília: SEF/MEC/, 1998.

- realizar várias versões do texto sobre o qual se trabalha, produzindo alterações que podem afetar tanto o conteúdo como a forma em que foi escrito;

[...] A reelaboração dos textos produzidos, realizada coletivamente com o apoio do professor, faz com que a criança aprenda a conceber a escrita como processo, começando a coordenar os papéis de produtor e leitor a partir da intervenção do professor ou da parceria com outra criança durante o processo de produção. As crianças e o professor podem tentar melhorar o texto, acrescentando, retirando, deslocando ou transformando alguns trechos com o objetivo de torná-lo mais legível ao leitor, mais claro ou agradável de ler.

Copie esse conto em uma folha grande de papel, para apresentá-lo na próxima aula e dar continuidade à revisão.

PÁGINA 64



Você pode seguir a mesma orientação dada anteriormente. Releia o que foi escrito e ajude seus alunos a avaliar se há trechos confusos que precisam ser alterados.

Nessa fase, você não precisa se preocupar em tornar o texto perfeito, pois ele ainda passará por novas revisões. Leve em conta que os alunos precisam terminar a produção oral do texto, tendo você como escriba; se insistir muito nas revisões, eles podem desanimar e perder o interesse pela tarefa.

PÁGINA 70



[...] não tem sentido, não é produtivo e nem eficaz propor a análise de todos os problemas do texto ao mesmo tempo, só para torná-lo bem escrito de imediato – o objetivo é que os alunos desenvolvam a capacidade de revisar os próprios textos, e não tornar perfeito um ou outro texto que seja objeto de revisão.¹⁰

Releia o conto produzido e auxilie os alunos a melhorar o texto.

¹⁰ "Contribuições à prática pedagógica – 8", in Programa de Formação de Professores Alfabetizadores, Módulo 2 (M2U8T5). Brasília: SEF/MEC, 2001.

A cada atividade de revisão, procure selecionar uma ou duas questões e trabalhar em torno delas. Nesse primeiro momento você pode realizar uma revisão do ponto de vista discursivo, ou seja, dos elementos que contribuem para tornar a narrativa mais compreensível para o leitor: observar se há algo ambíguo, confuso, sem sentido, com lacunas ou repetitivo.

Caso você perceba que estão faltando trechos ou há partes confusas, ambíguas, sem sentido, evidencie essas questões para os alunos. Mas tome cuidado para não dar as respostas: incentive-os a procurar as soluções por si mesmos.

Faça a revisão no próprio cartaz, com caneta de outra cor, para deixá-la bem visível.

É importante considerar que a revisão faz parte do processo de produção de textos. É uma das tarefas do escritor para buscar tornar o texto cada vez melhor, com o intuito de fazer o leitor compreender e mergulhar no universo que está criando.

Se precisar, reforce a situação comunicativa em que está inserida essa produção, isto é, que vocês estão escrevendo um conto para o livro que será apresentado a alguém especial, no dia do lançamento.

Saber o porquê, para que e para quem é condição indispensável para os alunos perceberem o sentido da situação de produção e revisão do texto.

PÁGINA 73

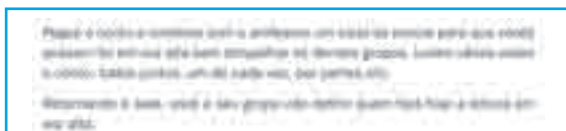


Combine com os alunos que agora vocês irão se preparar para ler em voz alta fora da sala de aula, com os grupos afastados entre si para ficarem à vontade. Relembre aos alunos que eles precisam treinar a leitura em voz alta, pois é importante que façam uma boa apresentação para o público, no dia do lançamento.

Observação: Essa atividade supõe que alguns de seus alunos têm condições de ler um conto com autonomia e em voz alta – para isso, necessitam estar alfabéticos. Se não for esta a realidade de sua turma, é melhor evitar tal situação.

A atividade não deve constranger os alunos e sim fazer com que se sintam preparados para ler para uma audiência – leitores experientes também recorrem a essa estratégia quando querem se preparar para fazer uma leitura em público.

PÁGINA 73



Escolha com seus alunos uma outra classe para irem fazer a leitura. Combine com o professor da sala o horário e o local para que um grupo de seus alunos faça a leitura. Antes de começar a apresentação, explique que sua turma está treinando para o lançamento do livro no final do bimestre, e que será muito importante conhecer a avaliação da platéia e ouvir suas dicas no final da leitura.

Terminada a leitura, solicite a avaliação dos alunos da turma visitada. Quando voltarem para sua sala, retome a avaliação, abra espaço para comentários dos colegas e peça que o grupo que fez a leitura em voz alta na outra turma fale de sua experiência.

PÁGINA 80

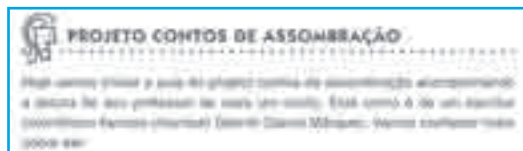


A intenção maior dessa atividade é colocar o aluno no papel de escritor, tendo que pensar em como criar um novo final coerente com o enredo do conto, refletindo sobre o conteúdo e a forma do que vai escrever. Embora vá criar essa parte do conto, tem muitos desafios a enfrentar, pois precisa se preocupar em estabelecer relações entre a parte inventada e o enredo anterior.

Todos os alunos podem participar da atividade – os alfabéticos e aqueles que ainda não produzem escritas convencionais. Organize as duplas de maneira que algumas possam trabalhar com autonomia, para que você consiga dar mais atenção àquelas que ainda não escrevem convencionalmente.

Quando os alunos produzem textos, é muito interessante que você selecione alguns para ler em casa e se preparar para ler em voz alta para a classe em outro dia.

A desenvoltura da leitura do professor muitas vezes põe em relevo a qualidade da produção; uma leitura truncada prejudica qualquer texto. Por isso, se você tiver muitos alunos que não lêem ainda com desenvoltura, sempre será bom que você faça a leitura de suas produções.



Novamente lembramos que as questões a serem discutidas têm como meta familiarizar os alunos com os contos de assombração para que possam reescrever contos desse gênero.

A atividade não é de interpretação de texto, pois não é orientada para a leitura em busca de significados. Propomos uma reflexão sobre diferentes possibilidades de uso da língua para obter um texto de qualidade: claro, diferente, agradável, interessante, instigante, que possa despertar emoções, prender a atenção do leitor etc. O objetivo é fazer com que os alunos desenvolvam um olhar atento sobre a linguagem e os recursos estilísticos utilizados pelos autores para causar os efeitos desejados. Esse tipo de atividade permite que identifiquem soluções que podem ser úteis em suas produções escritas.

Se tiver alguma dúvida sobre como proceder no desenvolvimento dessa atividade, volte à página 51, que apresenta uma atividade com o mesmo propósito.



Vamos retomar a tabela de apreciação dos contos feita por você e pelos seus colegas no caderno, para ver qual foi o conto de que a turma mais gostou, aquele que recebeu três estrelas.

Depois, você e seus colegas vão ditar o conto preferido pela turma para seu professor escrevê-lo. Hoje escrevam apenas a primeira parte. A segunda será escrita nas próximas aulas.

Essa atividade é uma produção oral com destino escrito, que pode seguir a mesma orientação dada na página 53.

A reescrita é uma atividade de produção textual com apoio, é a escrita de uma história cujo enredo é conhecido e cuja referência é um texto escrito. Quando os alunos aprendem o enredo, junto vem também a forma, a linguagem que se usa para escrever, diferente da que se usa para falar. A reescrita é a produção de mais uma versão, e não a reprodução idêntica. Não é condição para uma atividade de reescrita – e nem é desejável – que o aluno memorize o texto. Para reescrever não é necessário decorar: o que queremos desenvolver não é a memória, mas a ca-

pacidade de produzir um texto em linguagem escrita. O conto tradicional funciona como uma espécie de matriz para a escrita de narrativas [...] ao reescrever uma história, um conto, os alunos precisam coordenar uma série de tarefas: eles precisam recuperar os acontecimentos, utilizar a linguagem que se escreve, organizar junto com os colegas o que querem escrever, controlar o que já foi escrito e o que falta escrever.¹¹

A proposta consiste em orientar os alunos para produzir uma reescrita, trata-se de uma atividade de produção com apoio. Talvez o conto escolhido tenha sido lido há muito tempo, e, nesse caso, é interessante que você faça uma nova leitura.

Em seguida, incentive os alunos a recontar oralmente, retomando as partes que compõem o conto. Nessa situação de “produção oral com destino escrito”, os alunos ditam e você cumpre o papel de escriba.

Como você é o escriba, pode combinar com os alunos que escreverá ortograficamente correto, usará a pontuação necessária e discutirá com eles os aspectos de concordância verbal e nominal. Oriente-se pelo que o *Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil* diz a esse respeito (ver citação na página 55).

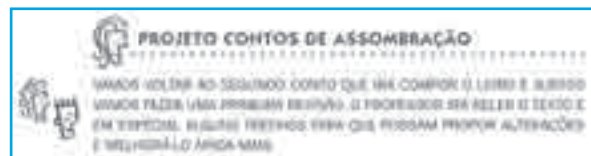
Essa é uma situação de muitos desafios e de muita aprendizagem. Prepare-se antes, pense nas informações que dará, quais questões irá propor e o que não colocará em discussão.

PÁGINA 98



Essa atividade é seqüência da anterior, portanto você pode seguir as mesmas orientações. Copie esse conto em uma folha grande de papel, para apresentá-lo na próxima aula e dar continuidade à revisão.

PÁGINA 100



Essa situação didática tem os mesmos propósitos da apresentada na página 56, por isso repetimos aqui a orientação. Releia o que foi escrito e ajude seus alunos a avaliar se há trechos confusos, que precisem ser alterados.

11 "Aprender a linguagem que se escreve", in: *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores*, Módulo 2 (M2U6T4). Brasília: SEF/MEC, 2001.

Nessa fase, você não precisa se preocupar em tornar o texto perfeito, pois ele ainda passará por novas revisões. Leve em conta que os alunos precisam terminar a produção oral do texto, tendo você como escriba; se insistir muito nas revisões, eles podem desanimar e perder o interesse pela tarefa.

[...] não tem sentido, não é produtivo e nem eficaz propor a análise de todos os problemas do texto ao mesmo tempo, só para torná-lo bem escrito de imediato – o objetivo é que os alunos desenvolvam a capacidade de revisar os próprios textos, e não tornar perfeito um ou outro texto que seja objeto de revisão.¹²

Releia o conto produzido e auxilie os alunos a melhorar o texto.

A cada atividade de revisão, procure selecionar umas poucas questões e trabalhar em torno delas. Nesse primeiro momento você pode realizar uma revisão do ponto de vista discursivo, ou seja, dos elementos que contribuem para tornar a narrativa mais compreensível para o leitor: observar se há algo ambíguo, confuso, sem sentido, com lacunas ou repetitivo.

Caso você perceba que estão faltando trechos ou há partes confusas, ambíguas, sem sentido, evidencie essas questões para os alunos. Mas tome cuidado para não dar as respostas: incentive-os a procurar as soluções por si mesmos.

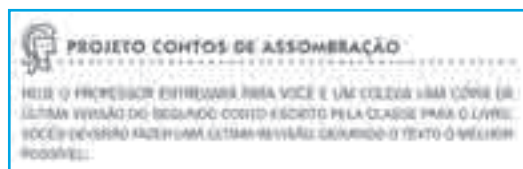
Faça a revisão no próprio cartaz, com caneta de outra cor, para deixá-la bem visível.

É importante considerar que a revisão faz parte do processo de produção de textos. É uma das tarefas do escritor para buscar tornar o texto cada vez melhor, com o intuito de fazer o leitor compreender e mergulhar no universo que está criando.

Se precisar, reforce a situação comunicativa em que está inserida essa produção, isto é, que vocês estão escrevendo um conto para o livro que será apresentado a alguém especial, no dia do lançamento.

Saber o porquê, para que e para quem é condição indispensável para os alunos perceberem o sentido da situação de produção e revisão do texto.

PÁGINA 103



As orientações da atividade anterior ajudam a pensar sobre esta.

¹² "Contribuições à prática pedagógica – 8", in *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores*, Módulo 2 (M2U8T5). Brasília: SEF/MEC, 2001.

Você precisa ensinar os alunos a utilizar os procedimentos de revisão. Para isso, mostre inicialmente a revisão de um trecho usando os recursos adequados. Quando eles começarem a trabalhar, circule entre as duplas para ajudar os alunos tanto na forma de revisar quanto em relação aos aspectos que devem observar. Prepare-se com antecedência para dar dicas para melhorar o texto. Você pode, por exemplo, ler com eles um determinado trecho, ou sugerir que releiam em voz alta, e pedir para explicarem o que quiseram dizer, se acham que está claro; sugerir alternativas para melhorar o sentido; orientar para que observem as repetições ou chamar a atenção para elas; propor que procurem em outros textos lidos expressões usadas pelo autor no conto que estão reescrevendo; ou mesmo reler um trecho do texto escolhido para a situação de reescrita.

Neste último exemplo, a idéia não é que reproduzam o trecho lido por você, mas ajudá-los a encontrar alternativas para dar continuidade a suas produções ou melhorar o que já escreveram.

É provável que, mesmo após essa revisão feita pelos alunos, seja ainda necessário você olhar o que foi feito e dar dicas de possíveis melhorias. Sugira que aprimorem o texto, procurando deixá-lo mais bonito (ou, no nesse caso, mais assombroso) e de leitura mais agradável.

PÁGINA 105



A proposta dessa atividade é similar à da página 56 por isso vamos tratá-la da mesma forma.

Todos os alunos podem participar da atividade, pois a intenção é colocá-los no papel de escritor, e isso envolve o aprendizado de vários procedimentos, entre os quais: ler e reler o texto que está sendo escrito durante todo o processo de produção para ver se ficou claro, confuso ou ambíguo; compartilhar idéias e pontos de vista com os colegas e com o professor; recorrer a outros textos em busca de alternativas para melhorar o próprio texto, retomar a leitura quando acabarem, prestando atenção na necessidade de modificar algo, para que fique mais bem escrito.

Aqui todos os alunos têm muitos desafios a enfrentar e por isso é necessário pensar bem nos critérios de agrupamento. Uma dica consiste em organizar

duplas que possam exercer a atividade com mais autonomia para que você se concentre no atendimento àquelas que precisam de mais apoio.

Você ainda pode orientá-los para que um faça o ditado do texto enquanto o outro escreve e ambos revisem juntos, no final.

Quanto à leitura de sua produção para os colegas, é melhor que levem os textos para casa e se preparem para ler em voz alta na classe, pois com frequência a qualidade do texto é valorizada pela desenvoltura na leitura.

Além disso, não é desejável que essa situação de leitura seja constrangedora, pois o objetivo é compartilhar bons textos e comunicar comportamentos de bons leitores – que costumam se preparar com antecedência para ler em voz alta. Isso pode levar um dia ou pode acontecer no decorrer da semana, depende de quantas duplas você tem na sala ou de quantas selecionou para realizar a leitura.

Depois que os alunos apresentarem seus finais, leia o final das autoras:

Foi quando pude ver a menina arrumando vários potes numa grande estante de madeira escura. No centro deste quarto havia uma enorme panela preta, parecida com um caldeirão.

Olhando bem, até que a menina era bonita, apesar de um pouco esquisita; seus cabelos eram bem pretos, na altura da nuca, sua pele era branquinha e seus olhos grandes e escuros. Ela usava um vestido preto, solto, que cobria todo o seu corpo.

O que mais me chamou a atenção foi o jeito rápido, sério e compenetrado com que ela arrumava tudo; nem parecia uma menina!

Com meu binóculo, foquei a sala e vi o velho ajeitando muitos livros numa estante embutida. De repente, ele puxou um livro e a parede se moveu! O quê? Pensei: agora eu pirei!

Esfreguei os olhos para ver melhor. Ele repetiu o movimento, como se estivesse testando e entrou parede adentro.

Será que aquele era um apartamento especial? Será que o meu também tinha passagens secretas que eu nunca havia descoberto?

Agora eu estava muito confuso, mas completamente fascinado com tudo aquilo. Voltei o foco para o quarto onde estava a menina, não a vi, mas o caldeirão estava borbulhando, soltando uma fumaça colorida e brilhante. Procurei a menina; nada. Voltei a olhar a sala, a “parede” continuava fechada e a sala parecia vazia.

– Onde ela está? pensei.

De repente, um frio correu minha espinha, meu estômago veio parar na

boca; eu estava paralisado, aterrorizado, não conseguia me mover. Mas senti que ela estava ali do meu lado, alguma coisa me dizia que ela não me faria mal, mas eu não conseguia me convencer. Como eu não fazia menção de me mexer, ela disse:

– Oi, eu me chamo Bistrega, e você?

Ainda assustado e morrendo de vergonha por estar espionando-a, respondi gaguejando:

– Ro-rodri-i-i-g-go.

De perto ela parecia ainda mais bonita e sua voz era tão doce e suave que logo eu me tranqüilizei.

Ela pegou na minha mão e disse:

– Parece que você está muito curioso em relação a mim. Venha comigo, vou lhe contar tudo!

Fomos até seu apartamento. O velho já estava lá e ela me apresentou a ele, dizendo que ele era seu tio e tutor.

Depois me mostrou tudo o que havia em sua casa. Contou-me que era italiana, que descendia de uma tradicional família de bruxas (strega, em italiano) e que há séculos vinha sendo perseguida por exterminadores de bruxas.

Contou também que sua mãe tinha sentido a proximidade de seu fim e, temendo pela vida da mais nova strega da família, a mandara ao Brasil, numa viagem extremamente sigilosa, acompanhada de seu tio, Giuseppe.

O tio Giuseppe ficaria com ela até que ela se adaptasse ao novo país. No entanto, sua mãe lhe fizera muitas recomendações, e uma das mais importantes era a de não deixar, jamais, ninguém saber de sua identidade. Ela deveria agir como todas as outras pessoas e se dedicar à bruxaria em estrito sigilo.

Estávamos no quarto do caldeirão enquanto ela me dizia tudo isso e, apesar de me sentir sonolento como se estivesse sonhando, ainda consegui pensar:

– Se tudo é tão sigiloso, por que ela está me contando tudo isso?

Como ela lia meus pensamentos, em seguida me respondeu:

– Desde o momento em que te vi, senti que teria problemas, mas quis testar meus antídotos! Você foi o único que viu tudo isso e será o único a conhecer toda essa história. Você já viu o bastante! A partir de agora este será um apartamento comum, igual ao seu.

E a um gesto de sua mão tudo se transformou: agora eu via camas, armários, quadros, televisão, videocassete.. Mais um gesto e lá estava ela, de jeans e camiseta.

Finalmente ela disse:

– Agora tome essa poção e você esquecerá tudo o que viu e ouviu. A partir de hoje, seremos muito legais e levaremos uma vida normal. No entanto, esse encanto será desfeito um dia antes de sua morte. Agora durma e tenha bons sonhos!

Quando acordei, já estava em minha cama. Nesta tarde, quando desci para brincar, meu amigo Pedro veio com uma grande novidade:

– Você já viu a gatinha que veio morar no 1313?

Quando a vi, senti que já a conhecia de algum lugar, aquela fisionomia não me era estranha, mas, por mais que eu tentasse, não conseguia me lembrar de onde.

Ela era mesmo uma gata, pele branquinha, cabelos negros e olhos grandes e escuros. Nos conhecemos, fomos muito amigos, namoramos, casamos e fomos muito felizes!

Somente hoje me lembrei de toda esta história e, o mais incrível, é que apesar de tão fantástica, ela me veio tão nítida, e com tantos detalhes...

Agora eu tenho certeza de que tudo isso realmente aconteceu, não foi um sonho de criança, nem é o delírio de um velho. O grande amor da minha vida, Bianca Loren Freitas, é, na verdade, a grande Strega Bistrega.

Rodrigo

Parece que a profecia de Bistrega se concretizou. Ao lembrar desse fantástico dia que vivera, Rodrigo quis repartir esta história com mais pessoas, e decidiu escrevê-la, mal teve tempo de assinar. Sentiu de repente aquele mesmo frio na espinha, virou para o lado e lá estava ela, tal qual naquele dia, uma menina bonita, apesar de esquisita. Olharam-se profundamente, ela segurou sua mão e ele se sentiu novamente como um garoto.

Conta-se que, naquela noite, pôde-se ouvir muitas risadas e barulho de móveis se arrastando, há quem jure ter visto passar pelo céu uma vassoura carregando duas crianças para longe.

PÁGINA 110



Organize as duplas com muito critério, pois não é adequado colocar um aluno que já escreve bem com outro que tenha muitas dificuldades: isso desequilibra a divisão de tarefas. Procure sempre formar duplas com alunos cujos conhecimentos se aproximem.

Se os alunos tiverem muita dificuldade em recontar o conto, proceda à leitura.

Aqui os alunos vão produzir o primeiro texto inteiro escolhido por eles para reescrever. Essa tarefa lhes coloca muitos desafios. Pense no conjunto de sua classe e, se considerar que para algumas duplas o desafio é muito grande, peça-lhes que reescrevam apenas uma parte. Selecione uma página na qual não estejam o início, o desenrolar ou mesmo o final do conflito e mostre para eles a parte que devem reescrever.

Provavelmente você tomará essa decisão se ainda tiver em sua sala alunos com hipóteses de escrita não-alfabética; para eles, a escrita de um pequeno trecho permite que se coloquem no papel de escritores e, ao mesmo tempo, reflitam sobre o sistema de escrita alfabético.

Prepare-se com antecedência, organizando os grupos e definindo quais duplas vai acompanhar mais de perto, planejando boas questões para fazer a elas durante a escrita.

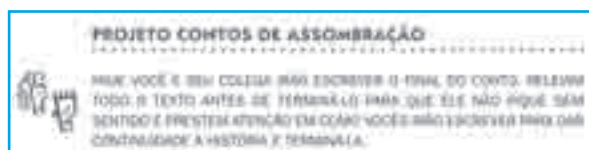
Para ter mais orientações sobre essa atividade, consulte a página 54, onde a proposta tem em vista o mesmo propósito didático.

PÁGINA 118



Trata-se aqui de uma continuação da atividade anterior, portanto a orientação de trabalho é a mesma.

PÁGINA 122



Proponha a situação de revisão de texto já utilizada, com os recursos e procedimentos citados nas atividades anteriores.

Provavelmente, os alunos que ainda não produzem escritas convencionais não chegaram a concluir os textos e, mesmo que tenham terminado, talvez não consigam resgatá-los para uma revisão. Nesse caso, uma alternativa é você assumir o papel de revisor, como escriba.

Organize um agrupamento com esses alunos que ainda não escrevem convencionalmente, selecione uma de suas produções e ajude-os a recuperar as idéias; discuta as possibilidades de melhorar o texto e faça a revisão coletiva, como escriba dos alunos.

Para ter mais orientações, consulte a atividade da página 61.

PÁGINA 125



Mesmo após essa revisão feita pelos alunos, é provável que ainda seja necessário um olhar seu, com dicas a respeito do que se pode melhorar.

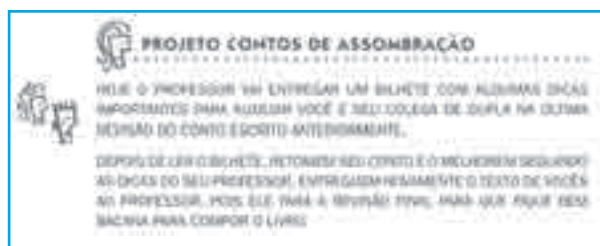
Recolha os textos e, ao fazer a leitura, anote recados com sugestões para aprimorarem aspectos discursivos, ou seja, do enredo, sem se preocupar nesse momento com a ortografia.

Sugira que melhorem os textos pensando em deixá-los mais bonitos (ou, neste caso, mais assombrosos) e de leitura mais agradável.

Aqui você pode descobrir o que seus alunos são capazes de fazer sem sua ajuda, ou seja, avaliar o que já aprenderam sobre a linguagem que se escreve e sobre procedimentos de escritor – que envolvem também a revisão durante a produção e ao final dela.

Para a revisão a ser feita pelos alunos que ainda não produzem escritas convencionais, siga a orientação sugerida na proposta anterior.

PÁGINA 131



Como o texto terá leitores externos à escola, é importante que você corrija os erros que os próprios alunos não puderem corrigir.

Depois da correção, compartilhe com eles as alterações feitas por você; pode ser uma boa situação de aprendizagem, na qual eles vão observar pontos em que não haviam pensado antes.

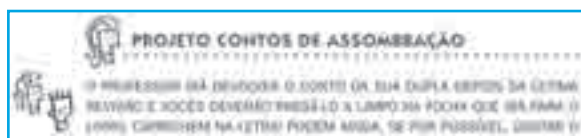
PREPARAÇÃO DA LEITURA DO CONTO

VOCÊ E OS ALUNOS DO SEU GRUPO DEVEM TER TRINIDAD E PREPARADO BASTANTE A LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO E SEU LHEGO POR VOCÊS. VOZ: DEVEM DE RELAXAR E ESCONTE COMO SERÁ REALIZADA A LEITURA DO DIA

Utilize os critérios a seguir para avaliar as leituras.

1. **Volume da voz:** se durante a leitura a voz esteve muito baixa, muito alta ou em volume adequado.
2. **Entonação:** se o texto foi lido com entonação que envolvesse o ouvinte ou de forma monótona.
3. **Fluência:** se foi lido de forma fluente ou “de soquinho”, ou seja, com muitas paradas entre as palavras.
4. **Postura:** se o leitor manteve boa postura perante os ouvintes ou precisa melhorar alguma coisa.

PÁGINA 134



Selecione na Sala de Leitura livros com diferentes tipos de ilustração (desenhos, aquarelas, colagens etc.) e analise-os com os alunos, oferecendo-lhes repertório para ilustrar o próprio livro.

Chame a atenção para a importância da complementaridade entre a ilustração e o texto. Se for possível, estabeleça uma parceria com o professor de Arte para esse trabalho.

PÁGINA 136



Prepare com os alunos a finalização do livro e o lançamento. Mostre-lhes livros com diferentes apresentações, para servir-lhes de modelo.

Decida a data mais adequada, escolha o local e planeje a decoração. Oriente os alunos na confecção do convite que será entregue à pessoa ou às pessoas que querem chamar para o lançamento.

Explique aos alunos como pode ser a dedicatória.

Para a encadernação, sugerimos que você prepare cartolinas coloridas, cortadas do tamanho das páginas, que podem servir como capas.

■ Seqüência de leitura

LER PARA SABER MAIS SOBRE NOSSO CORPO

Como define Delia Lerner:¹³

As seqüências de atividades estão direcionadas para se ler com as crianças diferentes exemplares de um mesmo gênero ou subgênero (poemas, contos de aventuras, contos fantásticos...), diferentes obras de um mesmo autor ou diferentes textos sobre um mesmo tema [...] as seqüências incluem situações de leitura cujo único propósito explícito – compartilhado com as crianças – é ler.

A **seqüência de atividades** proposta envolve ler diferentes exemplos de um mesmo gênero (divulgação científica), sobre um mesmo tema (curiosidades sobre nosso corpo), compartilhando com os alunos o propósito de leitura.

Os objetivos dessa seqüência de leitura são os seguintes: aprender mais sobre artigos de divulgação científica; aprender procedimentos de leitor competente (o aprendizado da leitura envolve aprender procedimentos de leitor); e, complementando, conhecer informações importantes e interessantes sobre nosso corpo.

O foco dessa seqüência de atividades é a leitura, e não a produção de textos. Embora em algumas situações os alunos sejam convidados a escrever, o uso da escrita está de maneira geral a serviço da organização das informações adquiridas a partir da leitura. A intenção é levar os alunos a aprofundar sua compreensão dos artigos de divulgação científica que lerem.

Outro intuito é ainda incentivar os alunos a sentir vontade de aprender mais sobre o corpo humano. Esse tema foi escolhido por ser um assunto de interesse deles e por ser também relevante como conteúdo de Ciências Naturais. No entanto, é importante destacar que o foco dessa seqüência de atividades é a leitura (Língua Portuguesa), e não as Ciências Naturais.

Objetivos – Língua Portuguesa

- Aprender a ler artigos de divulgação científica.
- Ler os artigos de divulgação científica, saber localizar informações e identificar as idéias principais em função do objetivo da leitura.
- Reconhecer os artigos de divulgação científica como valiosas fontes de informação.
- Identificar os portadores desse tipo de texto.

Para saber mais sobre seqüência de atividades e práticas de leitura, leia os Blocos 3 e 7 do “Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho”.

¹³ Delia Lerner, *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- Adquirir informações curiosas e interessantes sobre nosso corpo, gerando a vontade de aprender mais sobre o assunto.

É importante que os alunos tenham acesso a uma grande variedade de artigos de divulgação científica, podendo compará-los com outros textos em relação à linguagem utilizada, à organização das informações em blocos, qual é sua utilidade etc. Para isso, procure apresentar a eles livros e outras publicações com esse tipo de texto e converse com a classe, após a leitura, sobre a funcionalidade dos mesmos – onde poderiam ser encontrados etc.

Selecione, na biblioteca da escola, livros que abordem o corpo humano para mostrar textos e imagens sobre o tema. Mesmo que os alunos ainda não tenham condições de ler os textos com autonomia, você pode solicitar-lhes que leiam o título, os subtítulos e até mesmo trechos para os colegas que ainda não estiverem alfabetizados.

Por meio de sua leitura em voz alta, os alunos têm acesso a textos com função informativa e começam a desenvolver procedimentos importantes para a leitura desse tipo de texto. Além disso, poderão compreender a função desses textos e algumas de suas características, o que facilitará o domínio de sua leitura posteriormente, no Ciclo II – já que esse gênero é de uso intenso e espera-se que os alunos tenham autonomia para lidar com eles. O contato freqüente é fundamental nesse aprendizado, e este é mais um dos motivos que nos levaram a incluir os artigos de divulgação científica no planejamento da seqüência de atividades de leitura e das atividades permanentes (Roda da Curiosidades).

Para saber mais

sobre a exploração de artigos de divulgação científica e o que pode ser feito antes, durante e após a leitura pelo professor ou pelo aluno, leia o *Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no Ciclo II do Ensino Fundamental* (São Paulo: DOT/SME).

Parte III – Atividades e orientações de Matemática

Caro professor,

Dando continuidade às orientações didáticas apresentadas no volume 1 do PIC, elaboramos mais este livro a fim de contribuir com sua prática em sala de aula.

Conteúdos que já estiveram presentes no primeiro volume – números, operações e tratamento de informações – serão tratados com maior profundidade, mas compõem aqui novos conteúdos, como espaço e forma e medidas.

A preocupação é sempre apresentar situações que se aproximem ao máximo daquelas vivenciadas de fato pelas crianças. Por isso, procuramos contextualizar as atividades para que os alunos percebam o sentido prático de cada um dos conteúdos. É uma maneira de tornar o ensino instigante e dar oportunidade para que coloquem em jogo tudo o que pensam e sabem, para buscar a solução dos desafios propostos.

Nesse sentido, a metodologia de resolução de problemas permeará sempre o trabalho e terá como marcas: 1) fazer com que o aluno pense produtivamente; 2) fazer com que ele desenvolva o raciocínio lógico-matemático, acionando seus próprios recursos e compartilhando-os com os de seus colegas, para incorporar novos procedimentos e estratégias.

Ensinar os procedimentos de resolução de problemas é bem mais complexo do que ensinar um algoritmo (as “contas armadas”); neste último caso, orientamos passo a passo a operação, como se fosse um texto instrucional – de um manual de instalação de aparelhos ou de receitas culinárias.

Seu papel como professor é de extrema importância na metodologia de ensino por resolução de problemas, situação na qual os alunos precisam acionar todos os recursos possíveis para resolver a questão. Você vai atuar como mediador e orientador, colocando boas questões para que eles possam pensar, reorganizar o que já sabem e avançar em suas idéias. Eles precisam ter oportunidade de explicar o que pensaram, comentar suas estratégias e testar as hipóteses levantadas – que ao final serão validadas por você.

Leia sempre em voz alta as propostas das atividades, buscando ajudar os alunos a compreender o que está sendo solicitado. Depois, dê tempo para refleti-

rem sobre as questões e buscarem estratégias para a solução – individualmente ou em duplas. Mantenha-se disponível para resolver as dúvidas; levante questões e ofereça informações que contribuam para encaminhar a solução.

O passo seguinte consiste em socializar as estratégias de resolução, discutindo-as até eleger a mais econômica, argumentando e justificando-a.

É importante que o aluno possa, passo a passo, aperfeiçoar a linguagem matemática em seu registro escrito, para conseguir comunicar seu percurso de resolução e suas idéias.

Reiteramos aqui como é importante você construir um ambiente favorável à troca de informações e ao respeito pelos diferentes pontos de vista e opiniões, para que os alunos se sintam cada vez mais confiantes em se expor. Acreditamos que, dessa forma, eles poderão perceber que não existe uma única forma ou um único algoritmo que responda corretamente a uma dada situação-problema.

Os conteúdos e as atividades propostos neste livro estão direcionados para que os alunos possam gradativamente:

- Compreender e utilizar as regras do sistema de numeração decimal para ler, escrever, comparar, ordenar e situar em intervalos números naturais de qualquer ordem e grandeza.
- Ler, escrever, comparar, ordenar e situar em intervalos números racionais representados na forma decimal.
- Realizar, mentalmente ou por registro escrito, cálculos que envolvam números naturais ou decimais, usando procedimentos pessoais e técnicas operatórias convencionais e distinguindo situações que requerem resultados exatos ou aproximados.
- Utilizar estratégias de verificação e controle de resultados utilizando cálculo mental, estimativa e calculadora.
- Resolver problemas expressos oralmente ou por meio de enunciados escritos, envolvendo diferentes significados da adição, da subtração, da multiplicação e da divisão.
- Comunicar, verbalmente ou por meio de registro escrito, o procedimento de solução de um problema, estabelecendo comparações com os procedimentos desenvolvidos pelos colegas e reconhecendo que é possível resolver um mesmo problema adotando diferentes estratégias.
- Calcular o perímetro de figuras desenhadas em malhas quadriculadas e comparar perímetros de diferentes figuras, identificando relações entre essas medidas.
- Coletar e interpretar dados apresentados em tabelas de dupla entrada e em gráficos publicados em jornais e revistas, registrando e discutindo com seus pares suas percepções.

Sem a socialização dos procedimentos para a resolução dos problemas e sem a intervenção planejada, as atividades propostas, em si, não bastam para atingir as expectativas. Seu papel como professor se torna imprescindível, pois a cada conhecimento construído pelos aprendizes você colocará novas questões e lançará novos desafios para que avancem cada vez mais no conhecimento matemático.

Veja a seguir o tratamento didático dos conteúdos abordados neste volume.

■ Números naturais

Dando continuidade ao trabalho com os números naturais, agora vamos focalizar os números “maiores”, que, embora sejam menos freqüentes no cotidiano dos alunos, estão muito presentes em portadores como jornais e revistas. Assim, é importante apresentar e discutir as formas de valores numéricos de grandezas maiores, que em geral são pouco exploradas na escola. Trabalhe com seus alunos, incentivando-os a levantar hipóteses e favorecendo discussões sobre a leitura e a escrita dessas formas, dando-lhes oportunidade de ampliar os conhecimentos sobre a organização do Sistema de Numeração Decimal.

PÁGINA 10



Na exploração do uso da calculadora, procure levar o aluno a observar e discutir com o colega a função de uma determinada tecla – por exemplo, que, ao apertar diversas vezes a tecla “igual”, a calculadora conserva a operação indicada no início.

O importante nessa atividade é fazer os alunos perceberem as regularidades, a partir da observação dos resultados ao digitar sucessivamente a tecla “igual” da calculadora. A idéia é recuperar uma ação realizada historicamente pelos próprios matemáticos, que buscaram operar inúmeras vezes com números e com situações-problema e observar a regularidade em seus comportamentos, para com base nisso estabelecer uma regra.

PÁGINA 14



A análise de anúncios classificados é útil para que os alunos observem uma forma de representação numérica diferente da que a escola costuma utilizar. É necessário proporcionar aos alunos um espaço de discussão e reflexão sobre as diferentes formas de representação dos números, mostrando-lhes que em algumas situações de uso social, como nos meios de comunicação, as escritas numéricas utilizam um misto de linguagem matemática e linguagem padrão. Às vezes, isso se justifica pela economia de espaço; em outros casos, serve para facilitar a leitura de um número muito grande, evitando que o leitor precise interromper a leitura para visualizar a escrita e compreender sua ordem de grandeza.

PÁGINA 22



Transformar a representação numérica em linguagem empregada em jornais e revistas e vice-versa pode contribuir para a compreensão das grandezas destes números, facilitando a compreensão leitora.

PÁGINA 59



As seqüências numéricas podem ser construídas de várias formas: de 1 em 1, de 2 em 2, de 3 em 3, de 4 em 4 e assim por diante.

A situação proposta tem por finalidade construir uma seqüência numérica crescente e decrescente de 4 em 4, a partir de números preestabelecidos: 2002 e 2006.

Procure conversar com seus alunos sobre essa situação e propor, várias vezes por semana, que construam seqüências numéricas variadas, crescentes

e decrescentes, a partir de um número qualquer (que pode ser sugerido por um aluno): de 2 em 2, de 3 em 3, de 5 em 5 e outras.

PÁGINA 135

CONHECENDO UM NOVO JOGO – O SUDOKU

Sudoku é um jogo de raciocínio e lógica. Apesar do nome japonês (que significa “número sozinho”), foi inventado pelo suíço Leonhard Euler (1707-1783), um dos maiores matemáticos de todos os tempos. Mesmo com sua genialidade, Euler enfrentava um pesadelo comum a muitos pais: fazer seus filhos se interessarem por Matemática. A saída foi transformar os números em brincadeira. O jogo de Euler foi redescoberto pelos japoneses na década de 1970. O estouro mundial, porém, começou em 2004, quando foi lançado o programa de computador que gera desafios de Sudoku automaticamente.

A base do jogo é uma tabela com 81 quadradinhos divididos em nove regiões (nove quadrados de 3×3); uma parte das casas já está preenchida com números de 1 a 9. O objetivo do jogador consiste em preencher as casas vazias com números de 1 a 9, sem repetir números na linha, na coluna ou na região.

Para jogar o Sudoku os alunos terão que investigar a validade das hipóteses levantadas e construir os argumentos para validá-los.

Vejamos o resultado desse Sudoku.

2	8	9	7	5	6	1	3	4
7	5	1	8	3	4	9	2	6
3	4	6	2	1	9	8	7	5
4	1	2	9	6	5	7	8	3
5	6	8	3	2	7	4	9	1
9	7	3	1	4	8	5	6	2
6	3	7	5	8	1	2	4	9
8	2	5	4	9	3	6	1	7
1	9	4	6	7	2	3	5	8

■ Cálculo mental

Chamamos de cálculo mental a um conjunto de procedimentos em que, uma vez analisados os números que serão usados e as operações envolvidas, estes se articulam sem recorrer a um algoritmo preestabelecido, tornando possível chegar a resultados exatos ou aproximados.

Os procedimentos de cálculo mental se apóiam nas propriedades do Sistema de Numeração Decimal e nas propriedades das operações, e colocam em ação diferentes relações numéricas.

O cálculo mental está associado ao cálculo rápido, a procedimentos confiáveis sem registros escritos e sem utilização de instrumentos. Contribui para que os alunos memorizem aos poucos alguns resultados que poderão lhes servir de apoio para outros cálculos e para avaliar resultados de problemas propostos.

Trabalhe com esse tipo de cálculo de forma complementar ao estudo dos algoritmos e do cálculo escrito e exato. Os erros mais freqüentes dos alunos quando empregam a técnica operatória (a “conta armada”) revelam que eles não compreenderam suficientemente como se organiza o sistema de numeração.

Ao serem incentivados a utilizar recursos próprios, os alunos percebem que podem solucionar um problema de diferentes maneiras. No cálculo mental a reflexão se volta para o significado dos cálculos intermediários, facilitando a compreensão das regras do cálculo escrito; constitui a base do cálculo aritmético que se usa no dia-a-dia.

PÁGINA 62



O objetivo dessa atividade é ajudar os alunos a dominar a contagem de 4 em 4 partindo de qualquer numeração.

PÁGINA 63



A proposta dessa atividade é permitir que os alunos façam cálculos sem usar lápis e papel. Procure incentivá-los a pensar sobre o processo de resolução e, posteriormente, registrar os caminhos percorridos. Dê tempo para resolverem e depois converse com eles a respeito de seus processos de resolução, para que socializem as estratégias de cálculo que utilizaram e seus registros.

Oriente a utilização de algumas estratégias de cálculo mental. Por exemplo, ajude-os a usar alguns pontos de apoio para achar o resultado de 2006 – 1966: se calcularem quanto falta para chegar de 1966 a 1970, e depois contarem de 10 em 10, fica mais fácil chegar ao 2000, e, finalmente, de 2000 a 2006. Assim, podem encontrar o resultado sem recorrer à técnica operatória.

PÁGINA 132

INFORMAL ANO 1000 PISCANDO 10 VEZES POR MINUTO. ENTRE OS 5 A 10 ANOS, ENXIL MENEDOR 6 VEZES POR MINUTO. CACHORROS E GATOS PISCAM APENAS 2 VEZES POR MINUTO.

COMPLETE A TABELA COM AS INFORMAÇÕES QUE ESTÃO RELACIONANDO

Tempo	Quantidade de piscadas	Relação	Quantidade de piscadas
10	2	3 vezes maior	30
20	2	12 vezes maior	24

Oriente os alunos para que leiam com atenção cada uma das colunas, estabelecendo uma relação entre elas.

Na primeira coluna, do tempo, os números crescem de 10 em 10.

A coluna 2 indica que o número de piscadas de gatos e cachorros é apenas 2 vezes por minuto, portanto o resultado será o dobro da primeira coluna.

Na coluna 3, o número de piscadas de crianças entre 5 e 10 anos é 6 vezes por minuto, então o resultado será 6 vezes maior que o da primeira coluna.

A coluna 4 indica que o número de piscadas dos adultos é 24 vezes por minuto, ou seja, 24 vezes a mais do que na primeira coluna.

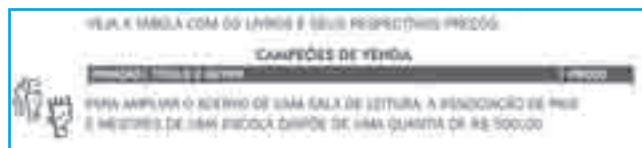
Outras relações que você pode destacar para os alunos:

- Os números da 3ª coluna são 3 vezes maiores que os da 2ª coluna.
- Os números da 4ª coluna são 12 vezes maiores que os da 2ª coluna.
- Os números da 4ª coluna são 3 vezes maiores que os da 3ª coluna.

■ Cálculo estimativo

O cálculo estimativo, recurso muito empregado socialmente, também está apoiado nas regularidades do Sistema de Numeração Decimal e nas propriedades das operações. Trata-se de um procedimento que pode ajudar a prever gastos e a estimar resultados de uma operação realizada de forma exata, analisando se o valor encontrado é razoável, mesmo quando não se dispõe de lápis e papel ou de calculadora. Trabalhar com estimativas contribui para que o aluno perceba o significado de um valor aproximado e decida quando é conveniente usá-lo e quando deseja checar o resultado da operação feita.

Os procedimentos de cálculo por estimativa desenvolvem-se juntamente com os de cálculo mental.



Essa atividade permite que os alunos trabalhem com inúmeras possibilidades de cálculo mental, utilizando para isso as propriedades do Sistema de Numeração Decimal.

■ Números racionais

Nas situações sociais, os números racionais aparecem com mais frequência em representações decimais (valores monetários e medidas). Tanto no livro anterior como neste, as atividades que envolvem esses números são apresentadas de forma contextualizada, para que os alunos possam perceber o sentido, reconhecer e operar, ampliando seu conhecimento sobre a organização dos números racionais.

É importante que você crie oportunidades para os alunos explicitarem suas idéias e confrontá-las com as dos colegas. Podem ser criadas situações bem interessantes; é possível que alguns alunos se orientem pela hipótese de que um número é maior que o outro pelo fato de possuir mais dígitos. Mas quando compararem números como 2 e 1,50, devem perceber que o critério anterior serve apenas para comparar a parte inteira, pois a comparação da parte fracionária só pode ser feita com dois números que tenham igual quantidade de algarismos: por isso, acrescentamos zeros à direita até igualar o número de algarismos.

A calculadora é um material didático adequado para os alunos refletirem sobre o comportamento de alguns números decimais, pois nela a representação dos decimais fica bem presente. As atividades do tipo “divida 1 por 2” são úteis para os alunos perceberem o significado da escrita dos números decimais e seu comportamento na divisão.

Dividido	Resultado	Divisor	Resultado
1 ÷ 3			
1 ÷ 7			

Aqui os alunos vão verificar que a divisão de alguns números dá resultado exato, enquanto em outras divisões os números se repetem infinitamente – como nas divisões: $1 \div 3$; $1 \div 6$ e $1 \div 9$. Na divisão de 1 por 7 não há período de repetição no número que aparece no visor da calculadora.

PÁGINA 38

DEBATE (CONTINUE COM A CALCULADORA)
AO CALCULAR $2 \div 9$, VOCÊ OBTÉM 0,222...; AO CALCULAR $3 \div 9$, OBTÉM 0,333... QUAL SERÁ O RESULTADO DAS SEGUINTES DIVISÕES?

Os alunos podem observar algumas regularidades importantes na construção dos números; por exemplo: A) $3 \div 9 = 0,333...$

PÁGINA 38

DEBATE (EXISTEM NÚMEROS INTEIROS QUE DIVIDIDOS UM PELO OUTRO DARIAM COMO RESULTADO 0,999...? DISCUTA COM SEU COLÉGA E REGISTRE O QUE VOCÊS PENSARAM.)

Após terem feito o registro, converse com a classe encaminhando a conclusão: não existem números inteiros que divididos um pelo outro tenham como resultado 0,999... O importante aqui é permitir que, após as inúmeras divisões feitas na calculadora, os alunos agora saibam argumentar.

PÁGINA 55

FAÇA PEQUENOS CÁLCULOS COM NÚMEROS DECIMAIS:
II. $36,7 + 1 =$ _____ II. $36,7 + 1 =$ _____

A proposta tem por objetivo fazer os alunos realizarem cálculos com números decimais e reconhecerem que esses números aparecem em situações da vida cotidiana – por exemplo, quando se usa um termômetro para verificar se uma pessoa está com febre. Eles devem buscar seu próprio registro para representar as operações propostas, sem a utilização de algoritmos. É provável que, nas primeiras tentativas, não levem em conta a vírgula e construam adições como esta: $36,7 + 1 = 36,8$.

Esse tipo de erro, bem comum, mostra que o aluno desconhece a adição de um número inteiro com um decimal; você precisa apresentá-lhe a forma correta: $36,7 + 1,0 = 37,7$.

Pode ser que alguns alunos façam o cálculo mentalmente e consigam acertar. Mesmo assim, você precisa confrontar as duas formas de pensar, para que entendam o cálculo de números com vírgula.

■ Sistema de medidas

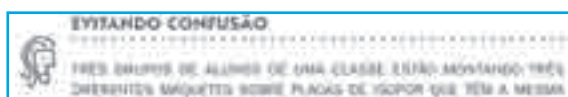
As atividades com sistemas de medidas têm por objetivo permitir que os alunos reconheçam a necessidade das unidades-padrão construídas historicamente pela humanidade. Desde os tempos mais remotos, os seres humanos se depararam com a necessidade de mensurar as terras ou as colheitas, ou de

utilizar critérios de medida em suas trocas comerciais. Com frequência recorriam para isso ao próprio corpo – utilizando como medida seus passos, suas mãos ou seus dedos –, mas pouco a pouco passaram a sentir a necessidade de fixar padrões.

Remetendo-se à história da Matemática, você pode mostrar aos alunos por que existem hoje as diferentes unidades de medida estabelecidas como padrão. Aqui você irá desenvolver atividades articuladas de modo a propiciar tal discussão.

Ao medir com a palma da mão ou com passos, os alunos perceberão que o tamanho das mãos ou das passadas difere de um para outro e que, para estabelecer uma linguagem comum, o metro serve de referência e facilita a comunicação.

PÁGINA 41



Converse com seus alunos a respeito do fato de que o metro é a unidade utilizada para medir extensões – altura das pessoas, distância percorrida pelos atletas, comprimento de um rodapé etc. –, e que existem diferentes instrumentos para isso: fita métrica, trena ou régua. Faça com eles uma comparação desses instrumentos, chamando a atenção para o fato de que há pequenas variações. Em nosso caso as medições não são tão rigorosas, nem exigem grande precisão, mas é importante que eles constatem a existência de tais variações.

PÁGINA 45



Ainda que utilizem o mesmo tipo de instrumento (fita métrica, trena ou régua) para realizar as atividades, os alunos podem encontrar variações de medida, em virtude das diferentes interpretações de cada um em relação às divisões contidas em cada centímetro. Procure socializar essas diferenças e, dependendo do caso (por exemplo, na medida do tamanho do calçado), estabelecer um padrão único para a turma.

PÁGINA 48



Ao trabalhar com medidas, os alunos perceberão que os números inteiros já não são suficientes, pois muitas vezes as medições resultam em números

com representação decimal. Procure propor situações que despertem a reflexão a respeito da escrita desses números: observando o significado dos algarismos que estão antes e depois da vírgula, relacionando-os com os múltiplos e os divisores das medidas de comprimento. Essa atividade em que os alunos medem o comprimento e a largura da sala e fazem a transformação para uma medida-padrão ajuda-os a estabelecer uma relação entre as duas medidas, facilitando a leitura e a escrita de números decimais.

PÁGINA 67



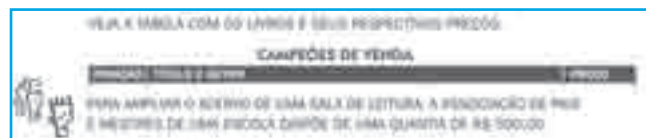
Para aprender a utilizar instrumentos de medida, os alunos precisam desenvolver atividades nas quais possam exercer a prática de medir e ler esses instrumentos – régua, fita métrica, trena ou metro de pedreiro. Na atividade proposta os alunos deverão ser incentivados a medir, estabelecendo uma relação de comparação entre as medidas da bola trazida (ou a que a escola tiver disponibilizado para a medição) e as da bola oficial de futebol, verificando se existe ou não diferença de medida.

Operações

Adição e subtração

A adição e a subtração ajudam a quantificar o resultado de várias ações que praticamos na vida cotidiana como: juntar, unir, acrescentar, tirar, perder, diminuir, comparar.

PÁGINA 27



Essa atividade requer dos alunos a mobilização de diversas estratégias de cálculo:

- Acrescentar livros até atingir a marca (conceito da adição) de R\$ 500,00.
- Comparar valores dos livros que pretendem adquirir com o dinheiro que têm disponível, verificando se será ou não suficiente (idéia de comparação).
- Estabelecer critérios para acrescentar livros que poderão comprar em duplicidade.
- Estabelecer critérios para excluir livros que não poderão comprar em virtude da verba disponível (idéia de tirar).



Para a aprendizagem da subtração, sugerimos aqui problemas propostos cujas perguntas – “quanto falta para?”, “qual a ampliação do salto?”, “qual a diferença do salto?” – muitas vezes confundem os alunos, levando-os a utilizar adições, em vez de subtrações.

Vale a pena você conversar com eles a respeito de cada um dos enunciados, explicitando seu conteúdo e contribuindo assim para que alcancem um novo patamar de conhecimento matemático.

Os problemas apresentados implicam também a realização de operações que envolvem números decimais. Organize a situação de aprendizagem, mostrando a subtração com números decimais para que seus alunos entendam bem que as vírgulas precisam ficar embaixo de vírgulas – e que, se for o caso, devem completar o número inteiro com vírgula e zeros. Exemplo:

$$\begin{array}{r} 16,56 \\ - 16,00 \\ \hline 0,56 \end{array}$$



O objetivo dessa proposta é trabalhar a idéia de “juntar” na adição; para isso, os alunos irão pensar sobre a circulação de passageiros em função inclusive de horários.

Multiplicação

Para enfatizar o conceito de multiplicação, você trabalhará aqui com situações destinadas a levar os alunos a pensar na multiplicação como adição de parcelas iguais e na idéia de combinatória.

A maioria das situações apresentadas não se resolve com um único algoritmo; o objetivo é fazer os alunos pensarem nas situações propostas e buscarem caminhos para solucionar o problema.

Além disso, você terá oportunidade de trabalhar algumas formas de resolver um problema multiplicativo, utilizando a decomposição dos números em unidades e dezenas. Encaminhe a discussão para que eles observem como, ao

multiplicar usando o valor posicional do número, podem recuperar não só a formação do algoritmo convencional como também a propriedade distributiva da multiplicação.

Página 23



O jogo proposto é útil para que os alunos memorizem os fatos fundamentais da multiplicação, facilitando as operações de cálculo e tornando-as mais rápidas. Para isso, precisarão lançar mão de alguns repertórios que dominam e de pontos de apoio na tabuada. Ao perguntar para os colegas se o resultado da multiplicação entre dois números é igual a 18, a dupla precisa resgatar em quais tabuadas esse número aparece como produto.

Você pode inicialmente registrar na lousa para ajudar a dupla a organizar a representação multiplicativa ($2 \times 9 = 18$ ou $9 \times 2 = 18$); se a dupla responder que possui o 18, significa que tem os números 2 e 9, o que contribui para a memorização de um dos fatos fundamentais da multiplicação. Se eles não tiverem esse produto, significa que eles não têm 2 ou 9 ou 2 e 9.

A organização do registro pelo professor é fundamental para que os alunos acompanhem o caminho matemático, por meio das perguntas formuladas pelos colegas e pelas respostas das duplas para que a turma possa descobrir os números escolhidos pela dupla, como indicado no procedimento de resolução do jogo da página 23 do *Livro do Aluno*.

Esse jogo também contribui para a percepção da comutatividade da multiplicação, ou seja, para observar que um mesmo produto 18 pode representar 2×9 e 9×2 , mas que nesse caso só uma das condições é possível.

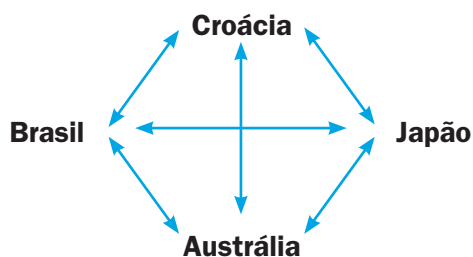
Como variação do Jogo Multiplicativo, você pode trocar a ficha 6 pela 3, para que não haja multiplicidade de produtos – por exemplo, como 24 pode ser obtido pela multiplicação de 6×4 e de 3×8 , isso acarretaria uma ambigüidade nos resultados, dificultando a identificação das fichas.

Recomendamos a inclusão desse jogo no planejamento de sua rotina semanal. Trata-se de uma atividade da qual a classe toda pode participar e, se você garantir uma frequência diária, ou ao menos de três vezes na semana, é possível que os alunos memorizem as tabuadas de uma maneira que faça sentido para eles em um prazo muito curto.



Na tabela da Copa do Mundo observamos que existem quatro países em cada grupo e que cada país joga contra todos. Oriente os alunos para que esquematizem seu raciocínio: talvez alguns achem que, como todos os países jogarão entre si, bastaria multiplicar 4 por 4 para saber o número de jogos. Mas o fato não é esse, já que, por exemplo, o jogo Brasil *versus* Croácia é o mesmo que Croácia *versus* Brasil.

O professor deverá ajudar os alunos a encontrar um esquema parecido com o mostrado abaixo:



Na representação esquemática fica mais fácil os alunos observarem que estão programados seis jogos em cada grupo:

- Grupo A – 6 jogos
- Grupo B – 6 jogos
- Grupo C – 6 jogos
- Grupo D – 6 jogos
- Grupo E – 6 jogos
- Grupo F – 6 jogos
- Grupo G – 6 jogos
- Grupo H – 6 jogos

Para resolver o problema, talvez alguns alunos somem sucessivamente $6 + 6 + 6 + 6 + 6 + 6 + 6 + 6 = 48$; outros, ao constatar que o 6 aparece 8 vezes, podem fazer a representação de $6 \times 8 = 48$.

Esse problema abre diversos caminhos para a discussão do conceito de multiplicação – inclusive usando o registro mais econômico, que é a própria representação multiplicativa.



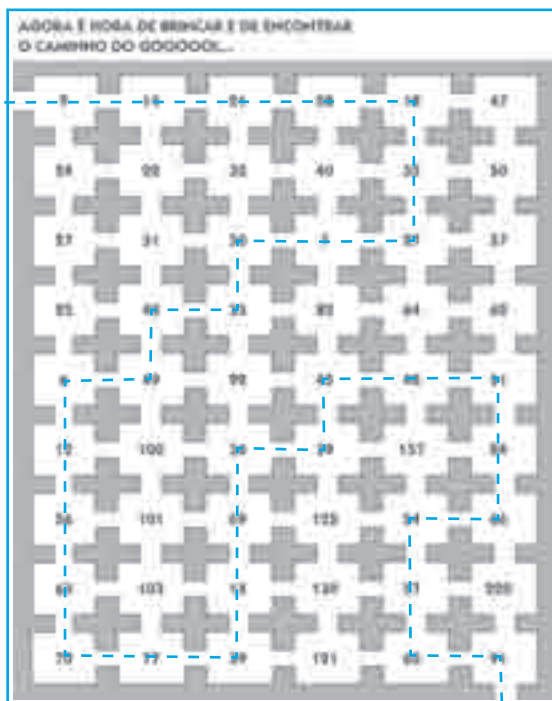
Aqui também a atividade envolve a adição de parcelas iguais. Para descobrir quanto a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) precisa desembolsar para comprar as passagens dos jogadores e dos profissionais da comitiva, é necessário que os alunos saibam qual é o total de pessoas envolvidas ($23 + 11 = 34$). Em seguida, devem calcular o custo das passagens em euro (colocar símbolo do euro) e depois fazer a conversão para nossa moeda, o real.

$$34 \times 870 = (30 + 4) \times 870 = 26.100 + 3.480 = 29.580 \text{ euros}$$

$$29.580 \times 2,60 = 29.580 \times (2,00 + 0,60) = 59.160 + 17.748 = 76.908$$

Observação: O valor do euro indicado na atividade ($1 \text{ €} = 2,60 \text{ reais}$) é o vigente na data em que preparamos este material.

Aproveite para conversar a respeito das moedas correntes dos países e, especialmente, da utilização do euro por todos os países que fazem parte da União Européia.



As crianças em geral gostam muito desse tipo de atividade de labirinto; nesse caso, o objetivo é ajudar a memorizar os fatos fundamentais da multiplicação por 3 e por 7. Sugerimos que o labirinto seja feito em duplas, de modo

que um colega sirva de apoio ao outro e, em seguida, ambos se ajudem para checar as respostas.

Os números **9, 14, 21, 28, 18, 35, 27, 7, 30, 33, 42, 49, 6, 12, 56, 63, 70, 77, 39, 15, 69, 36, 39, 45, 48, 51, 84, 66, 54, 57, 60** e **91** compõem o caminho do labirinto para chegar ao gol.

PÁGINA 99



Essa atividade também trabalha com a idéia de adição de parcelas iguais. Sugerimos que você oriente seus alunos para que raciocinem usando esquemas e adições de parcelas iguais.

PÁGINA 119



A receita apresenta os ingredientes necessários para preparar 5 pamonhas. Alguns alunos podem pensar em somar 2 vezes as quantidades pedidas, multiplicá-las por 2 ou, ainda, dobrar os valores contidos na receita inicial para obter a receita de 10 pamonhas.

A tabela que vai ser preenchida foi planejada para que as crianças possam perceber com facilidade que a coluna seguinte representa sempre o dobro da anterior.

Outros alunos podem preencher a tabela a partir da receita original, para 5 pamonhas, com o seguinte registro:

- Na segunda coluna temos 2 vezes ($2 \times$) a quantidade de ingredientes da receita da primeira coluna.
- Na terceira coluna temos 4 vezes ($4 \times$) a quantidade de ingredientes da receita da primeira coluna.
- Na quarta coluna temos 8 vezes ($8 \times$) a quantidade de ingredientes da receita da primeira coluna.

É importante que você incentive os alunos a expor suas estratégias de resolução, socializando com a classe as diferentes possibilidades, para desmistificar a idéia de que existe apenas uma forma correta de pensar em um problema e resolvê-lo.

PÁGINA 133



O objetivo dessa atividade é observar e registrar a regra para a multiplicação por 10. Após orientar os cálculos, proponha que os alunos registrem a regra de multiplicação por 10, ou seja, que multiplicar por 10 é acrescentar um zero no final do número multiplicado.

PÁGINA 139



Para começar, oriente seus alunos para pensarem em várias possibilidades de adição de 2 números cuja soma seja 70, para depois multiplicá-los; por exemplo:

- 20 + 50 = 70
20 x 50 = 1.000
- 40 + 30 = 70
40 x 30 = 1.200

- 35 + 35 = 70
para multiplicar, decompor o 35 em unidades e dezenas, trabalhando com a propriedade distributiva da multiplicação:

$$(30 + 5) \times 35 =$$

$$30 \times 35 + 5 \times 35 =$$

$$1.050 + 175 = \mathbf{1.225}$$

este é o maior produto de números de 2 algarismos cuja soma é 70.

Discuta depois as possibilidades de multiplicar entre si 3 números que somem 70, começando pela adição, para achar o maior produto:

- 10 + 20 + 40 = 70
10 x 20 x 40 =
200 x 40 = **8.000**
- 23 + 23 + 24 = 70

decompor o 23 em unidades e dezenas, trabalhando a propriedade distributiva da multiplicação:

$$(20 + 3) \times 23 \times (20 + 4) =$$

$$(529) \times (20 + 4) =$$

$$10.580 + 2.116 = \mathbf{12.696}$$

este é o maior resultado.

Com a adição de 4 números de 2 algarismos podemos seguir o mesmo procedimento: levantar algumas somas possíveis e testar qual o maior produto possível:

- $10 + 20 + 30 + 10 = 70$
 $10 \times 20 \times 30 \times 10 = 60.000$

- $17 + 17 + 17 + 19 = 70$
 $17 \times 17 \times 17 \times 19 =$

decompor o número em unidades e dezenas, trabalhando com a propriedade distributiva da multiplicação:

$$(10 + 7) \times 17 \times 17 \times 19 =$$

$$(170 + 119) \times 17 \times 19 =$$

$$289 \times 17 \times 19 =$$

decompor o 17 em unidades e dezenas, trabalhando a propriedade distributiva da multiplicação:

$$289 \times (10 + 7) \times 19 =$$

$$(2.890 + 2.023) \times 19 =$$

$$4.913 \times 19 =$$

decompor o 19 em unidades e dezenas, trabalhando a propriedade distributiva da multiplicação:

$$4.913 \times (10 + 9) =$$

$$49.130 + 44.217 = \mathbf{93.347}$$

Agora, este é o maior resultado.

Observação: Como as multiplicações envolvem números grandes, é interessante orientar os alunos para organizá-las pela decomposição dos números em unidades e dezenas, quando forem 2 e 3 fatores. A calculadora pode ser utilizada como instrumento de verificação dos resultados obtidos e para encontrar os resultados da multiplicação entre os 4 fatores multiplicativos.

Problemas como estes ajudam os alunos a perceber que os algoritmos foram organizados de modo a economizar tempo em sua resolução, além de tornar evidente que existem várias maneiras de resolvê-los.

Divisão

Aqui as atividades exploram as idéias da divisão como forma de repartir em partes iguais e de medir – quantas vezes um número cabe dentro de outro. Além disso, a utilização de diversas estratégias de divisão tem o intuito de ampliar o repertório de resolução de problemas dos alunos.

PÁGINA 33



Essa atividade apresenta um outro caminho para se encontrar o resultado da divisão por 5: multiplicar por 2 e dividir por 10. Assim, basta o aluno dobrar o número e retirar o zero, o que torna bem fácil encontrar os resultados.

PÁGINA 100



Essa atividade serve para mostrar uma outra idéia de repartir em quantidades iguais, com a distribuição do número de folhas de papel de seda.

Incentive os alunos a usar diferentes estratégias, como desenhos ou esquemas. Socialize as representações que fizerem e verifique se eles conseguiram encontrar uma forma mais econômica e rápida para resolver o problema.

PÁGINA 112



Nessas atividades está presente a idéia da divisão como medida, ao calcular quantas vezes é necessário ter 2 alunos para organizar os casais; e quantos grupos de 4 pessoas podem se acomodar nas mesas para melhor apreciar a festa.

Oriente os alunos para que usem diferentes recursos, como desenhos ou esquemas. Socialize as representações e verifique se todos conseguiram perceber que para encontrar o número de casais basta dividir por 2, e para acomodar as pessoas nas mesas basta dividir por 4.

PÁGINA 115



A atividade propõe uma nova estratégia de distribuir em partes iguais (de 4 em 4): resolver a divisão por 4 utilizando a divisão sucessiva por 2. Significa encontrar a metade da metade, linguagem bastante usada socialmente. Trata-se de uma idéia valiosa, pois ao multiplicarmos por 2, depois novamente por 2, obtemos como resultado o 4.

■ Probabilidade

As atividades que você vai desenvolver aqui têm como objetivo principal levar o aluno a compreender que boa parte dos acontecimentos do dia-a-dia é de natureza aleatória, isto é, há vários resultados previsíveis, mas não sabemos qual deles irá acontecer.

PÁGINA 79



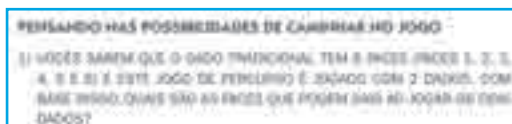
Para compor a chave do Grupo F, o Brasil, a Croácia, a Austrália e o Japão têm as mesmas chances (1 em 32) de ser sorteados: o Brasil tem 1 chance em 32; a Croácia tem 1 chance em 32; a Austrália tem 1 em 32; e o Japão tem 1 em 32.

A perspectiva seria outra se a pergunta apresentasse algumas condições. Por exemplo, se quiséssemos saber:

- as chances de o Brasil sair no 1º sorteio: a resposta seria 1 em 32;
- as chances de a Croácia ser a 2ª sorteada: a resposta seria 1 em 31;
- as chances de a Austrália ser o 3º país a ser sorteado: a resposta seria 1 em 30;
- as chances de o Japão ser o 4º país a ser sorteado: a resposta seria 1 em 29.

Porém se formos pensar nas chances de cada país por continente, elas não seriam as mesmas, uma vez que cada continente está representado por um número diferente de países. As chances de o Brasil ser sorteado nessas condições seriam 8 em 32; as da Croácia seriam 14 em 32; da Austrália, 1 em 32; e do Japão, 4 em 32.

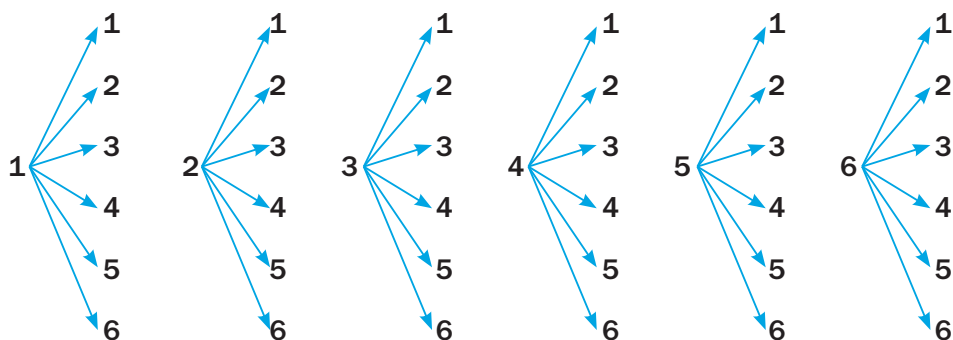
PÁGINA 124



O jogo de dados é um experimento aleatório no qual não sabemos de antemão qual número ocorrerá, embora saibamos que só podem ser encontrados 6 resultados.

Na atividade proposta são lançados 2 dados, então existem 6 possibilidades diferentes para cada um deles: no dado 1 podem sair as faces 1, 2, 3, 4, 5 e 6; também no dado 2 podem sair as faces 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

Mas o objetivo consiste em saber quais faces podem sair combinadas, ao serem jogados os dois dados juntos. As combinações podem ser estudadas assim:



Aparecem assim as seguintes combinações possíveis:

(1,1), (1,2), (1,3), (1,4), (1,5), (1,6)

(2,1), (2,2), (2,3), (2,4), (2,5), (2,6)

(3,1), (3,2), (3,3), (3,4), (3,5), (3,6)

(4,1), (4,2), (4,3), (4,4), (4,5), (4,6)

(5,1), (5,2), (5,3), (5,4), (5,5), (5,6)

(6,1), (6,2), (6,3), (6,4), (6,5), (6,6)

Podemos, porém, descartar alguns produtos que se repetem:

(2,1)

(3,1), (3,2)

(4,1), (4,2), (4,3)

(5,1), (5,2), (5,3), (5,4)

(6,1), (6,2), (6,3), (6,4), (6,5)

E os resultados obtidos seriam ao todo 21:

$$1 \times 1 = 1$$

$$1 \times 2 = 2 \quad 2 \times 2 = 4$$

$$1 \times 3 = 3 \quad 2 \times 3 = 6 \quad 3 \times 3 = 9$$

$$1 \times 4 = 4 \quad 2 \times 4 = 8 \quad 3 \times 4 = 12 \quad 4 \times 4 = 16$$

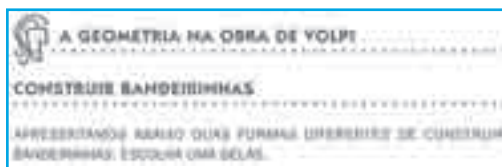
$$1 \times 5 = 5 \quad 2 \times 5 = 10 \quad 3 \times 5 = 15 \quad 4 \times 5 = 20 \quad 5 \times 5 = 25$$

$$1 \times 6 = 6 \quad 2 \times 6 = 12 \quad 3 \times 6 = 18 \quad 4 \times 6 = 24 \quad 5 \times 6 = 30 \quad 6 \times 6 = 36$$

■ Espaço e forma

As atividades referentes a esse conteúdo têm o propósito de contribuir para que os alunos desenvolvam uma forma de pensamento que permite a compreensão, a descrição e a representação dos objetos do mundo em que vivemos.

PÁGINA 95



Inicialmente, converse com seus alunos a respeito da obra de Alfredo Volpi e analise com eles algumas pinturas produzidas por crianças da rede municipal. Na atividade proposta, a construção de um painel decorativo ajudará os alunos a perceber e identificar as propriedades de algumas formas geométricas, mediante sua composição e decomposição.

PÁGINA 104



Ao desenvolver essa atividade, oriente seus alunos para que percebam como figuras diferentes podem ter perímetros iguais, e que isso depende das medidas de seus lados. Aproveite a oportunidade para discutir também as diferentes formas de decompor um número.

PÁGINA 107



Nessa atividade são apresentadas diferentes configurações para um mesmo espaço, cujo perímetro é de 36 metros. Chame a atenção de seus alunos para o fato de que o alambrado vai servir para delimitar o espaço no qual as crianças vão brincar, portanto precisam pensar em medidas compatíveis com esse tipo de uso. O número poderia por exemplo ser decomposto em $1 + 1 + 17 + 17$, mas esse perímetro formaria um corredor, não serviria para uma área de recreação. Anote na lousa todas as possibilidades levantadas e discuta os resultados mais adequados.

■ Tratamento de informações

Desde os tempos mais longínquos, os diferentes povos têm buscado formas de registrar a contagem de objetos, animais, produtos da colheita etc. E a necessidade de saber coletar, organizar e interpretar informações se mostra cada vez mais importante na sociedade atual.

Tendo isso em vista, as atividades aqui apresentadas propõem aos alunos que preencham tabelas, organizem dados, construam gráficos de barra e façam leitura de informações contidas em tabelas, para melhor compreender e divulgar uma informação.

PÁGINA 75



Oriente seus alunos na leitura e na análise da tabela, fazendo perguntas para ajudá-los a localizar as informações; por exemplo:

- Em que anos o Brasil foi Campeão Mundial?
- Em que ano o Brasil teve seu pior desempenho?
- Em 1950, que colocação o Brasil conseguiu na Copa?
- É verdade que em 1986 o Brasil ocupou o 6º lugar na classificação geral?

Essa conversa inicial será útil para que as crianças analisem os dados e identifiquem as afirmativas corretas:

- Da Copa de 1990 para a Copa de 1994 o Brasil teve a melhor evolução. Em 1990 o Brasil foi o 9º colocado e em 1994 obteve o 1º lugar, com um ganho de 9 posições.
- Da Copa de 1966 para a Copa de 1970 o Brasil teve a melhor evolução. Em 1966 o Brasil ficou em 10º lugar e em 1970 foi Campeão Mundial, ganhando 10 posições.

Nesse caso, a segunda afirmativa é a correta.

PÁGINA 125



O objetivo dessa atividade é organizar informações contidas em um texto de divulgação científica. Discuta com os alunos as tabelas que elaborarem e depois registre na lousa algumas delas. Abaixo, uma tabela que talvez os alunos construam:

Batidas do coração			
	Homens	Mulheres	Recém-nascidos
Por minuto	70	78	120
Por dia	+ de 100 mil	+ de 112 mil	+ de 172 mil



Peça que seus alunos leiam com atenção e, em seguida, diga para preencherem a tabela com os anos que estão faltando. Para isso, eles precisam perceber que os signos se repetem de 12 em 12 anos e que existe uma correspondência entre os anos e os signos, representados por animais.

A tarefa seguinte consiste em identificar o animal (ou signo) correspondente ao ano do próprio nascimento para depois montar outra tabela, sintetizando as informações em relação à classe. A partir desse resultado, encaminhe a construção de um gráfico de barras.

ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 123401
www.imprensaoficial.com.br

